UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIA EMÍLIA FERREIRA NOGUEIRA

AS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB

CAJAZEIRAS - PB
2024

MARIA EMÍLIA FERREIRA NOGUEIRA

AS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras–PB, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador(a): Profª. Drª. Mara Edilara B. de Oliveira

CAJAZEIRAS – PB
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

N778d Nogueira, Maria Emília Ferreira.
As dinâmicas da produção e da comercialização de produtos orgânicos na feira do produtor rural de São José de Piranhas – PB / Maria Emília Ferreira Nogueira. – Cajazeiras, 2024.
67f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2024.

1. Feira. 2. Produção agroecológica. 3. Produtor. 4. Agroecossistema. 5. Comercialização. I. Oliveira, Mara Edilara Batista d. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 37.018.51

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIA EMÍLIA FERREIRA NOGUEIRA

AS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras – PB, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira.

Aprovado em: 14 / 11 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira – UFCG
(Orientadora)

Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa - – UFCG
(Examinador)

Prof. Me. Matheus Gouveia - PPGG/ UFPB
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

A jornada acadêmica foi um momento ímpar de muito aprendizado, desafios e conquistas. O fim desse ciclo marca uma trajetória que me possibilitou amadurecer em vários âmbitos, marca também as relações e amizades que cultivei nesse processo, que certamente não esquecerei. Como nenhuma conquista acontece de forma inteiramente individual, gostaria de agradecer as pessoas que me ajudaram nesse processo e de alguma forma fazem parte dele.

A **Deus**, pela sua graça e amor comigo, nos momentos onde restam dúvidas e faltam forças a fé nos faz levantar para viver o propósito que Deus tem para a nossa vida. Obrigada Senhor, por alegrar meu coração.

Aos meus pais, **Telma** e **Francisco**, que sempre me incentivaram e deram todo o suporte necessário para que eu chegasse até aqui. Obrigada, pai, por trabalhar bravamente, muitas vezes debaixo do sol escaldante, para que eu pudesse, na sombra e conforto de casa, estudar e construir um futuro de mais qualidade e independência, como o senhor sempre aconselhou. Obrigada, mãe, por estar presente na minha educação desde sempre, pelo incentivo, apoio e pelos esforços que também foram dedicados durante todos esses anos, todo o seu cuidado foi, e sempre será, essencial para a nossa família. Sou muito grata por tudo que já fizeram pela minha educação e da minha irmã, obrigada por todos os sacrifícios que já fizeram por nós.

A minha irmã, **Ana Beatriz**, meu ponto de apoio. Obrigada por sempre me incentivar e acreditar que eu era capaz, mesmo quando eu mesma não acreditava. Sem o seu apoio, aconselhamentos, puxões de orelha e todo o suporte, a caminhada teria sido muito mais difícil. Sempre que preciso, você está pronta para me ajudar, esse é um privilégio que poucas pessoas têm, sou muito grata por poder compartilhar tantos momentos com você.

Aos meus amigos que dividiram essa jornada comigo. Conheci muitas pessoas desde o início do curso e muitas amizades estarão para sempre guardadas no meu coração. Todas as risadas, momentos de descontração em meio às tribulações, conversas e apoio foram muito importantes para tornar a travessia mais leve, lembrarei sempre com muita alegria de todos vocês que cruzaram o meu caminho e criaram laços.

Em especial, quero agradecer a **Flávia**, **Gean** e **Karen**. Meus amigos que desde o início se fazem presente, que dividiram cada momento do curso, seja este feliz, triste ou de apreensão. Obrigada por sempre me incentivarem, por serem tão amorosos,

compreensivos e por todos os momentos que compartilhamos. A amizade de vocês foi minha rede de apoio e espero que nos encontremos sempre para recordar desses momentos. De todos os presentes que a UFCG me deu, vocês são um dos mais especiais.

Agradeço também ao corpo docente do curso, obrigada por todo o conhecimento compartilhado e construído durante esses anos, foi um privilégio aprender com tantas mentes brilhantes que acrescentaram tanto a minha vida acadêmica e profissional.

Gostaria ainda de expressar a minha gratidão à minha orientadora **Mara Edilara Batista de Oliveira**, pela valiosa contribuição com a construção do meu trabalho, não somente na construção dele, mas em outros momentos do curso, sua sabedoria me inspira. E, também, a banca avaliadora por aceitar fazer parte de um momento tão especial e deixar suas contribuições, obrigada **Rodrigo Bezerra Pessoa** e **Matheus Gouveia**

RESUMO

As feiras, em especial as feiras agroecológicas, desempenham um papel crucial como espaços de apoio às práticas agrícolas familiares e agroecológicas, preservando saberes e práticas tradicionais, além de contribuírem para a cultura e economia local. Tendo consciência dessa importância, este estudo busca dar visibilidade ao valor deste espaço e à produção orgânica, frequentemente ignorada pela sociedade e ameaçada pela expansão de grandes redes de supermercados e pela perda gradual dessas tradições. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo analisar as dinâmicas da produção e da comercialização de orgânicos dos agricultores que vendem seus produtos na Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados primários, com base em pesquisa de campo, por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de compreender a realidade vivenciada pelos produtores, abrangendo tanto a produção quanto a comercialização. A abordagem adotada foi qualiquantitativa, possibilitando a análise de aspectos qualitativos da vida e do trabalho dos agricultores, bem como dados quantitativos referentes à produção. Os resultados obtidos na pesquisa, evidenciam que, embora a feira seja um espaço de grande importância e ofereça muitos benefícios à população, como a oferta de produtos orgânicos que geram renda para os agricultores e saúde para os consumidores, tanto ela quanto os produtores, carecem do devido reconhecimento e valorização. Assim, este trabalho apresentou a Feira do Produtor Rural, abordando as questões relacionadas à produção e comercialização dos produtores, por eles apresentadas. Com a discussão teórica mostrou a relevância das práticas agroecológicas e dos seus modos de produção, como também a importância das feiras como apoio a estas práticas. Por fim, com a sugestão da inclusão de conteúdos geográficos sobre esse tema no currículo escolar do município, visa promover a divulgação da feira e das práticas agrícolas orgânicas, buscando contribuir com a manutenção da feira.

Palavras-chave: Feira. Produção Agroecológica. Produtor. Agroecossistema. Comercialização.

ABSTRACT

Markets, particularly agroecological fairs, play a crucial role as spaces that support family and agroecological farming practices, preserve traditional knowledge, and contribute to local culture and economy. Aware of this significance, this study aims to highlight the value of these spaces and organic production, often overlooked by society and threatened by the growth of large supermarket chains and the gradual erosion of these traditions. Thus, this research analyzed the dynamics of organic production and sales among farmers who sell their products at the Rural Producer's Market in São José de Piranhas, PB. To achieve this, primary data were collected through field research, using semi-structured interviews to understand the realities experienced by the producers, covering both production and commercialization. A mixed qualitative-quantitative approach was adopted, allowing for an in-depth analysis of the qualitative aspects of farmers' lives and work, as well as quantitative data on production. The results demonstrate that, although the market is a highly valuable space, offering numerous benefits to the community, such as providing organic products that generate income for farmers and health benefits for consumers, both the market and the producers lack adequate recognition and appreciation. This study presents the Rural Producer's Market, discussing issues related to production and commercialization as raised by the farmers themselves. Through theoretical discussion, it underscores the relevance of agroecological practices and their production methods, as well as the importance of markets as supportive spaces for these practices. Finally, with a suggestion to incorporate geographic content on this topic into the local school curriculum, the study aims to promote the market and organic agricultural practices, seeking to contribute to the market's preservation.

Keywords: Market. Agroecological Production. Producer. Agroecosystem. Commercialization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Localização da Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB 22
Figura 2 - Organização da Feira do Produtor Rural 23
Figura 3 - Produtos Comercialzados na Feira 26
Figura 4 - Organização da feira de São José de Piranhas - PB 27
Figura 5 - Produtos comercializados na feira 30
Figura 6 - Produtos comercializados na feira 31

MAPAS

Mapa 1 - Mapa de Localização do município de São José de Piranhas 19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Acompanhamento da Produção 25
Gráfico 2 - Pontos além da feira de São José de Piranhas onde os agricultores vendem seus produtos 28
Gráfico 3 - Origem dos produtos comercializados 32
Gráfico 4 - Gênero dos produtores 33
Gráfico 5 - Maiores dificuldades em produzir orgânicos na opinião dos agricultores de São José de Piranhas - PB 35
Gráfico 6 - Pontos para melhorar na feira de São José de piranhas segundo os produtores 37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos agricultores..... 17
Quadro 2 - Produtos comercializados na feira do produtor de São José de Piranhas - PB 29
Quadro 3 - Plano de aula sobre a Feira do Produtor Rural..... 56
Quadro 4 - Roteiro da visita guiada..... 57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFP	Centro de Formação de Professores
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMPAER	Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FENATA	Federação Nacional dos Técnicos Agrícolas
GEFEP	Gerência Estadual das Feiras do Produtor
H	Hora
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PCB	Partido Comunista do Brasil
PB	Paraíba
RS	Rio Grande do Sul
SDT	Secretaria de Desenvolvimento Territorial
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UNAGEO	Unidade Acadêmica de Geografia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 15
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO 18
2 FEIRA, UM LUGAR MARCADO POR AROMAS, RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS 21
2.1 O PROCESSO PARA A IMPLANTAÇÃO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL 21
2.2 CONHECENDO A FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB, COMO ELA É E COMO PODE SER PERCEBIDA 26
2.3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DO PLANTIO ORGÂNICO NA ÓTICA DOS PRODUTORES RURAIS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB 34
3 AS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, DO USO DOS AGROECOSSISTEMAS E DA COMERCIALIZAÇÃO 39
3.1 AS ABRANGÊNCIAS E MULTIPLICIDADES DA AGROECOLOGIA 39
3.2 PRODUÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS: UMA ALTERNATIVA QUE VISA GARANTIR MAIS AUTONOMIA AO PRODUTOR 43
3.3 A IMPORTÂNCIA DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL COMO APOIO ÀS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS FAMILIARES 47
4 UM OLHAR PARA O FUTURO: PROPOSTA DE FORTALECIMENTO DA FEIRA PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB A PARTIR DA EDUCAÇÃO 54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 64
APÊNDICE A 67

1 INTRODUÇÃO

A agricultura é uma prática fundamental para as sociedades, que impulsionou o desenvolvimento social, urbano e econômico ao longo dos séculos, influenciando diversas esferas da sociedade. Com o passar do tempo, essa atividade se transformou e adaptou-se às mudanças sociais e de produção, evidenciando sua relevância e significatividade. Similarmente, as feiras, enquanto espaços de comércio e cultura, têm resistido às transformações temporais, preservando-se com pequenas adaptações ao estilo de vida e consumo da sociedade atual.

Dentre as feiras, destaca-se aqui a Feira do Produtor Rural, que cumpre um papel importante na oferta de alimentos saudáveis à população, fortalecendo tanto a produção familiar quanto a comercialização de produtos orgânicos. Assim, trata-se de uma relação de benefício mútuo, que garante para os produtores rurais o escoamento da produção e para os consumidores a escolha de se alimentar de forma mais adequada. As feiras ainda representam, de forma simbólica, as lutas camponesas por dignidade e direito à terra, oferecendo um meio de sustento e autonomia para as famílias rurais.

Considerando a importância das feiras como espaços culturais e de apoio à agricultura familiar, abordar esse tema ressalta ainda mais o valor que as mesmas carregam. Dessa forma, estudar a Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB permite compreender como este local valoriza a produção orgânica e agroecológica, incentiva ainda mais a perpetuação dessa prática e promove a autonomia dos agricultores. Além disso, este estudo busca contribuir socialmente com a divulgação deste importante espaço, tanto no meio social como também através da inserção deste conteúdo no ambiente escolar.

Este tema foi inicialmente explorado durante a realização de um trabalho proposto na disciplina de Prática de Ensino em Geografia Humana, com o tema “feiras”, o que incentivou uma análise sobre a dinâmica da Feira do produtor Rural da cidade. Na primeira visita, o ambiente despertou memórias da infância, ligadas à agricultura familiar muito presente nesse período, marcado pelo plantio na época chuvosa e as brincadeiras no roçado. Essa proximidade entre a vivência e a feira instigou um interesse mais profundo em compreender o funcionamento e a produção agroecológica local, levando ao desenvolvimento desta pesquisa.

A pesquisa se mostra relevante pelo fato de que, embora a feira proporcione produtos saudáveis e orgânicos à população, sua importância parece estar sendo subestimada, exigindo mais reconhecimento e valorização. Além disso, a dinamicidade do cultivo orgânico pode demandar dos agricultores adaptações a outros modelos de cultivo além dos usuais,

ressaltando a necessidade do acompanhamento contínuo da produção. Dessa forma, ao analisar ambos os pontos, espera-se contribuir socialmente com a manutenção da feira através da proposta de sugestões práticas para seu fortalecimento.

Com isso, esta pesquisa teve o objetivo de analisar as dinâmicas da produção e da comercialização de orgânicos dos agricultores que vendem seus produtos na Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB. Para isso, fez-se necessário identificar as adversidades enfrentadas no cultivo, produção e comercialização dos orgânicos pelos agricultores da feira de São José de Piranhas; compreender como funciona a prática agroecológica e suas dinâmicas; entender a importância da feira como apoio às práticas agroecológicas; propor formas de aumentar a visibilidade da feira a partir da educação e de auxiliar nas adversidades da produção.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. Este primeiro apresenta a introdução, os procedimentos metodológicos e uma breve caracterização da área em que o objeto de estudo está inserido. O segundo capítulo aborda os processos para a implementação da Feira do Produtor Rural, suas características da mesma e as adversidades enfrentadas pelos produtores. O terceiro explora as abrangências da produção agroecológica e do uso dos agroecossistemas, além de abordar a importância da feira agroecológica como apoio às práticas familiares. No quarto capítulo propõe-se a integração de uma aula abordando a temática da Feira do Produtor Rural e da produção agroecológica ao currículo escolar, como meio de divulgá-la. E, o quinto e último capítulo contém as considerações finais.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos da pesquisa, o presente estudo fez uso de pesquisas bibliográficas, para auxiliar em um maior embasamento teórico e aprofundar o conhecimento acerca dos temas abordados, além da pesquisa de campo, importante passo para obter informações diretas e precisas acerca do objeto de estudo.

A pesquisa bibliográfica consiste em revisar e selecionar materiais acadêmicos e científicos, como livros, artigos, dissertações e teses, a fim de consolidar um referencial teórico que oriente o estudo sobre agroecologia e práticas de produção orgânica. Segundo Amaral (2007), citado por Sousa *et al.* (p. 67), essa etapa é fundamental para embasar teoricamente a pesquisa e guiar todas as suas fases subsequentes, contribuindo com uma ampla visão do tema a partir do levantamento, seleção e fichamento de informações relacionadas à pesquisa.

Esta etapa foi realizada a partir de livros, dissertações, monografias, artigos, revistas e sites oficiais das entidades que norteiam os temas deste trabalho. Com isso, foi possível compreender o processo de origem e a importância das práticas agroecológicas, o amplo campo de conhecimento da agroecologia, assim como a importância das feiras para então construir um referencial teórico mais sólido.

Além da pesquisa bibliográfica foi executado um levantamento de dados primários, a partir da pesquisa de campo, realizada no dia 07 de março de 2024, com os agricultores presentes na feira de São José de Piranhas - PB. De acordo com Trujillo (1982) citado por Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo possibilita a observação dos fenômenos de forma espontânea e direta, tal como ocorrem naturalmente, permitindo que o pesquisador registre variáveis relevantes para análise.

Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo contribui para o tipo de pesquisa exploratória, visto que consiste em investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões, com a finalidade de aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente e a obtenção dos dados da pesquisa. Pode ainda contribuir para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

No caso deste estudo, a pesquisa de campo teve como objetivo obter, por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada (Apêndice) junto aos sujeitos da pesquisa, informações acerca da realidade vivenciada pelos produtores tanto no âmbito da produção quanto da comercialização. Essa entrevista teve o intuito de conhecer mais a fundo a dinâmica da produção dos orgânicos para a feira, compreender melhor como estas ocorrem, quais as dificuldades enfrentadas, quais as transformações sociais que a feira trouxe para os agricultores e como eles a enxergam.

Conforme os dados obtidos na entrevista, dos vinte agricultores cadastrados na feira apenas dez continuam comercializando seus produtos, desses, no dia da pesquisa de campo estavam presentes apenas quatro produtores. Consoante os próprios agricultores, apenas aqueles com produção significativa comparecem à feira, uma vez que os custos de transporte e o fluxo variável de clientes podem impactar a viabilidade financeira para quem leva produtos em menor quantidade. Com isso, a entrevista foi realizada apenas com estes quatro agricultores.

Para uma interpretação mais abrangente dos resultados, a pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa, analisando tanto aspectos qualitativos da vida e do trabalho dos agricultores quanto dados quantitativos relacionados à produção. De acordo com Knechtel (2014), citado por Rodrigues, Oliveira & Santos (2021, p. 168), a pesquisa qualiquantitativa

“[...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos”.

Dessa forma, as informações qualitativas, relacionadas a vida dos agricultores, como as práticas de plantio e desafios de comercialização, foram enriquecidas por gráficos e quadros quantitativos, possibilitando uma análise mais completa. Com base nessas informações foi construído o quadro 1 para ilustrar o perfil dos agricultores, que detalha as características dos participantes da pesquisa, como local de produção, tempo de atuação na feira e envolvimento da família no cultivo.

Quadro 1 - Perfil dos agricultores

Identificação	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Endereço	Sítio São Luís - São José de Piranhas	Serra do Braga - São José de Piranhas	Vila Produtiva Rural Cacaré - São José de Piranhas	Serra do Vital - São José de Piranhas
Já produzia orgânicos antes da feira?	Sim	Sim	Sim	Sim
Tempo de comercialização na feira	ois anos e meio	Dois anos e meio	ais de dois anos	Dois anos e meio
A terra do plantio é própria?	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

Os produtores da feira são da zona rural do município da cidade de São José de Piranhas e todos são proprietários da terra onde moram e produzem os insumos agrícolas. Além disso, com exceção da produtora 4, os demais revelaram durante a entrevista que a família participa ativamente do cultivo, caracterizando-se assim como produção familiar. Foi também questionado se eles já tinham produzido de forma orgânica antes de participar da feira, todos afirmaram que sim, faziam uso desse tipo de prática diariamente e muitos já comercializavam de forma autônoma. Por fim, os produtores entrevistados fazem parte da feira desde o início, quando foi inaugurada na cidade no ano de 2021, a partir de então mantiveram-se firmes e resilientes às adversidades postas no caminho e permanecem até os

dias atuais.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO

O município de São José de Piranhas, a princípio, foi um distrito subordinado ao município de Cajazeiras, criado em 10 de novembro de 1840, próximo ao Rio Piranhas e por esse motivo recebeu, previamente, a denominação de São José de Piranhas. Mais tarde, em 24 de setembro de 1885, foi elevada à categoria de vila e desmembrada do município de Cajazeiras. A vila continuou na referida localização (atual distrito de Piranhas Velhas) até o ano de 1933, quando teve que ser transferida de local (IBGE, 2022).

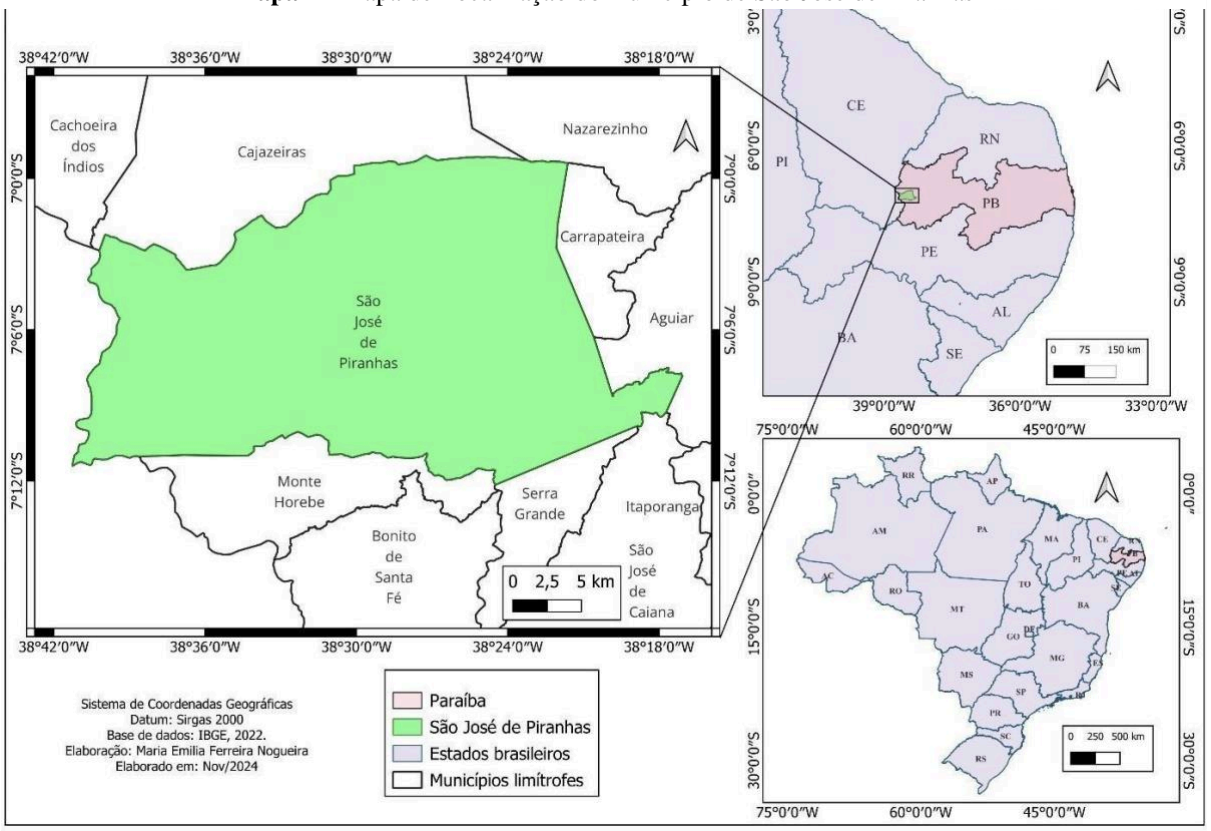
A transferência se deu pela construção do açude Engenheiro Ávidos (barragem do Boqueirão), iniciada em 21 de julho do ano de 1921, construído pelo governo federal no intuito de amenizar a falta d'água na região. Em 28 de novembro de 1935, a sede da vila de São José de Piranhas foi transferida para a atual localização da cidade e passou a se chamar Jatobá, até 1952, porém, pela lei estadual n.º 800, de 14 de outubro de 1952 voltou a se chamar São José de Piranhas e assim permanece até os dias atuais (Lima, 2010 *apud* Albuquerque, 2014).

A cidade está localizada no extremo oeste da Paraíba (mapa 1), na mesorregião do Sertão Paraibano, mais precisamente na microrregião de Cajazeiras, fazendo parte da região intermediária Sousa - Cajazeiras e da região imediata de Cajazeiras, a uma altitude de 332 m. De acordo com o último Censo do IBGE (2022) a mesma possui uma área territorial de 686,918 km², e encontra-se a 492 km da capital, João Pessoa. O acesso a partir de João Pessoa se dá através da BR-230 até cerca de 16 km após a cidade de Cajazeiras, onde se toma a PB-400, percorrendo-se 32 km até a sede municipal.

No tocante a distribuição da população do município, de acordo com o Censo de 2022, o número total de piranhenses[1] é de 19.067, a densidade demográfica é de 27,76 habitantes por quilômetros quadrados. Tratando-se da economia, os setores que mais se destacam são os da agricultura, serviços e comércio. Quanto à média salarial, em 2021 o salário médio mensal era de 1,8 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7,78% (IBGE, 2022).

[1] Gentilico da população oriunda de São José de Piranhas(IBGE)

Mapa 1 - Mapa de Localização do município de São José de Piranhas



Fonte: Base de dados IBGE (2022). Elaborado por Maria Emília Ferreira Nogueira

O setor agrícola se faz muito presente na cidade, ocorrem feiras dois dias por semana, a feira-livre, na segunda, e a feira do produtor rural, na quinta-feira, ambas contam com forte presença dos agricultores. A Feira do Produtor Rural é composta apenas por produtores agroecológicos, já a Feira-livre, além dos demais feirantes, conta também com os agricultores convencionais, que comercializam seus produtos em uma área separada e intitulada como "feira da fruta".

Climatologicamente, o município pertence à Região Semiárida, tendo como predominante o clima semiárido quente e seco, as temperaturas são elevadas durante o dia e com variações anuais dentro de 23° a 30 °C, e ainda ocasionais picos mais elevados, principalmente na estação seca. O regime pluviométrico é baixo e irregular, apresenta médias de 849,6 mm/ano e, no geral, caracteriza-se pela presença de apenas duas estações: a seca, que constitui o verão, cujo clímax compreende o período de setembro a dezembro, e a chuvosa, popularmente chamada de inverno, que corresponde, aproximadamente, de 3 a 4 meses por ano, podendo sofrer variações (Koppen 1956, *apud*, Paraíba Criativa, 2015).

Segundo os produtores da feira, essa é uma das características que mais dificultam o

plantio de orgânicos, a época de estiagem. Para eles, é um período difícil, pois o acesso à água para irrigação não é fácil e ocorre por conta própria, já que eles não recebem nenhum tipo de apoio quanto a isso, o que acaba causando impacto na produção.

São José de Piranhas encontra-se inserida nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, uma parte na região do Alto Piranhas e outra na sub-bacia do Rio Piancó. Os riachos e cursos d'água que drenam a área são afluentes da Bacia do Rio Piranhas. Todos os cursos d'água têm regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico, ou seja, no período de estiagem acabam secando. Dessa forma, a cultura agrícola não pode contar com o regime dos rios e demais fontes de abastecimento o ano todo para a produção, fazendo-se necessário o uso de outros recursos para tal.

2 FEIRA, UM LUGAR MARCADO POR AROMAS, RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS

O surgimento das feiras está atrelado, entre outros fatores, às antigas festividades religiosas (Campigotto, 2013, p. 8). Essas celebrações contribuíram para transformar as feiras em espaços de interação social, festivos e acolhedores, marcados pelo encontro de pessoas. Até hoje, as feiras mantêm essas características, sendo lugares coloridos, cheios de sons, cheiros, sabores e risadas, que evocam acolhimento. Estas sensações tornam a feira um lugar afetivo e até mesmo acolhedor, que faz ou fez parte da vida de muitos brasileiros, sendo uma recordação de algum momento que ficou na memória ou parte da rotina semanal.

Tais características transformam a feira em um importante espaço de vivência, um lugar muito rico, seja cultural ou socialmente, onde há troca de saberes, de conhecimentos e trocas comerciais. Essas relações são a base para manter tal costume vivo, costume esse de grande importância socioeconômica, pois garante o sustento de milhares de famílias. Ainda, além das compras dos produtos físicos, quando vamos a feira a sensação que temos é que "cada vez que saímos dela com o nosso carrinho cheio de produtos, estamos levando também uma bagagem mais rica ainda, que é a de vivência, experiências, conversas e alegria" (Campigotto, 2013 p. 9).

Apesar de todas essas qualidades, as feiras também enfrentam desafios em sua continuidade, como, por exemplo, a concorrência com os mercados que estão cada vez mais estruturados e sempre em busca de alcançar novos consumidores. Além disso, existe uma pressão para que as feiras se padronizem, questões relativas ao barulho, característica forte do modo de venda, relativas à limpeza dos espaços públicos onde elas ocorrem e a qualidade dos produtos comercializados (Campigotto, 2013, p. 9).

Buscando apresentar como a maioria destes pontos estão refletidos na realidade dos feirantes, este capítulo aborda toda a dinâmica da Feira do Produtor Rural da cidade de São José de Piranhas, sua beleza, importância para os agricultores e para a sociedade como também as dificuldades e percalços encontrados na travessia da produção orgânica, que ocorre muitas vezes sem a devida assistência e suporte necessários.

2.1 O PROCESSO PARA A IMPLANTAÇÃO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL

A feira do produtor rural de São José de Piranhas foi instalada na cidade em setembro de 2021, pela Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária

(EMPAER[2]), vinculada a Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (SEDAP). Realizada no centro da cidade ao lado da antiga rodoviária (figura 1), próximo ao mercado central, a feira começa às 7h da manhã e se estende até o fim do estoque.

Figura 1 - Localização da Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB

Fonte: Google Earth, (2024).

Segundo o site oficial da Empaer[3], o projeto de criação das feiras na Paraíba começou em meados de 1996, em Campina Grande, e nos anos seguintes, outras foram se espalhando por todo o Estado. Ainda segundo o site, esse projeto foi criado com o propósito de mostrar as potencialidades da produção agropecuária existente nas regiões paraibanas através da Agricultura Familiar. Além disso, incentiva a integração do produtor na cadeia produtiva do agronegócio, produzindo de forma alternativa a esse modelo. Essa integração começa no preparo do solo e vai até a comercialização, gerando mais empregos e renda no campo (Empaer, 2019).

Para a instalação da feira do produtor rural é necessário o cumprimento de uma série de fases. De acordo com o site da Embrapa (2015) essas fases são:

a) Reunião inicial para discussão da proposta com os interessados; b) Definição de

[2] Fusão da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMATER-PB), Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária do Estado da Paraíba (EMEPA) e do Instituto de Terras e Planejamento Agrícola e Planejamento do Estado da Paraíba (INTERPA) que gerou a fundação da Empresa de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (EMPAER) (Empaer, 2019).

[3] Disponível em: https://empaer.pb.gov.br/feira-do-produtor.

> pré-lista de interessados; c) Realização de pesquisa para conhecer o perfil dos potenciais consumidores; d) Restituição dos resultados da pesquisa; e) Elaboração de Regimento Interno; f) Reunir a documentação da organização de agricultores responsável pela gestão da feira (cartão do CNPJ, estatuto, ata de fundação, comprovante de localização, formulário de cadastro); g) Pagamento de taxas (localização, vistoria, fiscalização, expediente); h) Protocolo de pedido de alvará de funcionamento junto à prefeitura.

No caso da feira do produtor rural de São José de Piranhas (figura 2), após a instalação da feira, passou-se à seleção dos agricultores que iriam participar, um passo fundamental para garantir a produção orgânica de qualidade. Após a seleção, são realizadas reuniões com os produtores convidados a participar, a prefeitura da cidade e é feita uma visita ao local onde será realizada a feira. Com o sucesso de todas estas, os agricultores passam então por um treinamento com aulas sobre plantio sustentável sem uso de agrotóxicos, uma das condições para comercializar os insumos na feira, e sobre comercialização e atendimento ao público (Embrapa, 2015).

Figura 2 - Organização da Feira do Produtor Rural

Fonte: Trabalho de campo realizada em: 07/03/2024.

Segundo os próprios produtores, para a feira de São José de Piranhas foram selecionados agricultores que já produziam e vendiam orgânicos de forma autônoma, pois já tinham uma base sobre o funcionamento da produção e iriam apenas aprimorar suas técnicas com os cursos oferecidos. Conforme a pesquisa junto aos feirantes, a seleção foi feita pelo secretário de administração da Prefeitura de São José de Piranhas, que os convidou, foi ao

campo conhecer as plantações, ver como se dava o cultivo de cada um e o que precisaria ser implementado.

Em seguida, os agricultores passaram pelo treinamento que foi realizado em João Pessoa durante um período de três dias, no qual eles receberam orientações valiosas para a produção orgânica. Essas técnicas incluem: manejo do plantio sem a utilização de agrotóxicos, meios para aumentar a produção e, ainda, sobre a gestão da feira, como bem afirma o produtor 1 (2024), em sua fala: “a gente recebeu três dias de treinamento pra fazer do jeito certo” (informação verbal).

Além disso, eles ainda visitaram a feira de Cabedelo, que além de ser muito consolidada na região, é uma das pioneiras e serve como modelo para as demais. A visita foi uma oportunidade para eles imergirem nesse universo, trocar informações com os agricultores experientes sobre atendimento ao público e adquirir inspiração para a comercialização (Empaer, 2021).

Para que se tenha uma manutenção e sustentação da feira, ainda segundo o site da Empaer, os agricultores familiares são orientados quanto ao planejamento, controle, organização e gestão, além do acompanhamento sistemático da produção, pelos extensionistas locais da Empaer sobre a gerência da GEFEP (Gerência Estadual das Feiras do Produtor), o que serve como base inicial para a jornada autônoma deles.

Apesar dos benefícios mencionados pela Empaer, os agricultores afirmaram durante a pesquisa que, na prática, enfrentam alguns desafios, como a falta de acompanhamento contínuo, o que impacta diretamente sua produção, pois o auxílio profissional poderia ajudar na resolução de problemas de cultivo. O gráfico 1 expressa a resposta dos agricultores quanto ao acompanhamento da produção.

Gráfico 1 - Acompanhamento da Produção

Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

Apesar disso, a feira ainda representa um importante espaço de valorização para os agricultores. A Empaer assegura que a feira traz para o agricultor familiar, e também para a população, inúmeros benefícios, como, por exemplo:

- Geração de emprego;
- Fixação do Agricultor Familiar no campo;
- Renda fixa;
- Eliminação da ação predatória dos atravessadores;
- Inclusão da mulher no mercado de trabalho;
- Proporciona o aumento da margem de lucro dos Agricultores Familiares na região, com a comercialização garantida da produção agropecuária e pescado;
- Maior integração das instituições parceiras com os Agricultores Familiares;
- Maior oferta de alimentos básicos de qualidade colocados à disposição dos consumidores;
- Melhoria da qualidade de vida das famílias rurais (EMPAER, 2019).

Levando estes pontos em consideração, no próximo tópico deste capítulo será analisado o impacto da feira na vida dos produtores, assim como ela também impacta na sociedade. Serão considerados outros aspectos como a realidade e as dificuldades enfrentadas pelos produtores, a partir da análise e correlação dos dados da pesquisa com as situações reveladas por eles.

2.2 CONHECENDO A FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB, COMO ELA É E COMO PODE SER PERCEBIDA

Na cidade de São José de Piranhas o setor agrícola destaca-se e está muito presente na economia local. Por ser uma cidade pequena, mesmo com a presença de grandes mercados, a feira ainda se configura como um dos principais pontos de comércio, marcada pela realização de feiras dois dias na semana, a Feira-Livre, na segunda-feira e a Feira do Produtor Rural, na quinta-feira. A feira-livre conta com vendedores de roupas, brinquedos, acessórios e artigos geralmente comercializados nesse tipo de evento, além de uma área separada apenas para a comercialização de frutas, legumes e vegetais, denominada de “feira da fruta”. Já a Feira do Produtor Rural conta com a comercialização de produtos orgânicos, diferente da feira anteriormente citada, e tem como foco apenas esse tipo de produção.

A Feira do Produtor Rural é um espaço que encanta os sentidos. Com a observação da pesquisa de campo foi possível perceber ainda mais as belezas dela, o cheiro das frutas, legumes e verduras fresquinhos, o colorido dos produtos (figura 3) e a simpatia dos produtores criam uma experiência única para os compradores, pois o contato direto com quem os cultiva gera ainda mais conexão e segurança. Tudo isso aumenta a confiabilidade e faz com que a compra seja a garantia de estar levando para casa produtos de qualidade.

Figura 3 - Produtos Comercialzados na Feira

Fonte: Trabalho de campo realizado em: 07/03/2024.

Em campo pudemos observar que se tratando da organização da feira, todos os

feirantes trabalham usando um uniforme que contém a identificação de cada um deles e dos órgãos parceiros da feira, como Empaer e Embrapa, mantendo assim um padrão de organização e uma identidade que diferencia a Feira do Produtor da Feira Livre, por exemplo.

As barracas ficam todas enfileiradas de um lado da rua (figura 4), por se tratar de uma via pública, a rua é fechada no dia da feira com o auxílio de cones e fita de segurança, para que os compradores possam circular livremente e escolher seus produtos mais à vontade. Porém, durante a pesquisa, foi descoberto que, recentemente, o não fechamento da rua durante o dia da Feira tem gerado preocupação. Pois segundo os feirantes, o trânsito dos veículos acaba colocando a segurança dos compradores e dos feirantes em risco, além de comprometer as vendas e a tranquilidade do local.

Figura 4 - Organização da feira de São José de Piranhas - PB

Fonte: Trabalho de campo realizado em 07/03/2024.

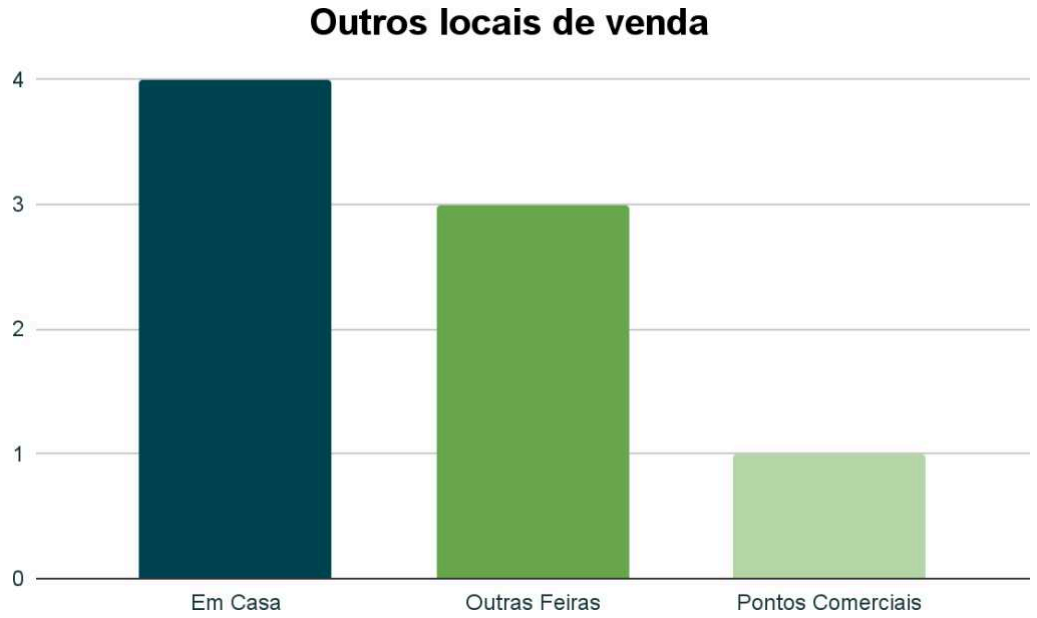
Em setembro de 2021 a feira estreava contendo 20 agricultores e dez barracas (Empaer, 2021), como não havia barracas suficientes para todos, elas eram divididas por duas pessoas. Segundo os produtores rurais, a barraca é cedida pela prefeitura, mas a montagem custa 20 reais, valor cobrado pelo rapaz que faz tal serviço, o que é um custo a mais para eles. Os produtores relatam que cerca de 10 agricultores já desistiram por falta de incentivo, pois o custo da produção, transporte de mercadoria e a baixa demanda em alguns dias não estavam trazendo tantas vantagens econômicas, como afirma a produtora 4 (2024): “muitos desistiu porque não tava dando (lucro), tava dando prejuízo” (informação verbal).

Atualmente a feira conta com 5 barracas e 10 produtores, eles continuam dividindo as

barracas para minimizar os custos, uma vez que o valor pago para a montagem é dividido entre os que a utilizam, nos dias que vão à feira, segundo informações dos próprios. Apesar dos riscos de prejuízo, que qualquer negócio enfrenta, a garantia do emprego fixo toda semana tem gerado de fato um impacto positivo na vida financeira deles, pois todos os produtores consideram que a feira trouxe uma mudança financeiramente "regular", conforme os dados obtidos na pesquisa (pesquisa, 2024).

Contudo, segundo as informações dos sujeitos da pesquisa, mesmo com a ajuda financeira que a feira tem trazido, apenas a renda adquirida com ela não é suficiente para cobrir todos os gastos mensais. Com isso, como os agricultores já comercializavam seus produtos de outras formas antes de participarem da feira, assim ainda o fazem. Para complementar o rendimento eles vendem das mais variadas formas, conforme mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Pontos além da feira de São José de Piranhas onde os agricultores vendem seus produtos



Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024. Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

Em uma breve observação percebe-se que a maior ocorrência é das vendas em casa, algo que muitos já faziam. Dos quatro entrevistados, todos afirmaram que vendem "em casa", segundo estes, essas vendas ocorrem principalmente para moradores do mesmo sítio, que vão até as casas desses produtores quando precisam de algum produto em específico, com principal foco para os doces caseiros e queijos. Em seguida vem as vendas para "outras feiras", o que ocorre com quase todos os produtores, visto que, vender apenas um dia por

semana não supre todas as necessidades financeiras. Por último, as vendas para "pontos comerciais", apenas a produtora 4 vende para outros pontos comerciais, sendo este o restaurante do sítio em que reside, o qual compra doces e algumas frutas, segundo a mesma.

Apesar de não ser suficiente, se sozinha, para arcar com todas as necessidades das famílias produtoras, a feira cumpre com sua função, gerando mais renda para as famílias, e até mesmo ajudando na permanência delas no campo, além de incentivar a produção agroecológica e assim oferecer para a população uma alimentação mais saudável. A temática da agroecologia será mais aprofundada nos próximos capítulos, sendo tema de interesse de nossa pesquisa.

São comercializados na Feira do Produtor Rural diferentes tipos de culturas e produtos, em sua maioria de lavoura temporária (milho, feijão, macaxeira, etc.), além dos insumos in natura e dos doces, uma das barracas é destinada à venda de comidas, tudo feito com os produtos próprios, desde os temperos até às proteínas (galinha, bode, carneiro etc). O quadro 2 a seguir apresenta os produtos comercializados pelos produtores que participaram da pesquisa.

Quadro 2 - Produtos comercializados na feira do produtor de São José de Piranhas - PB

	Produtor 1	**Produtor 2**	**Produtor 3**	**Produtor 4**
Verduras e Legumes	Feijão verde Batata-doce Jerimum	Coentro	Batata-doce	Hortaliças
Frutas	Banana Mamão Romã			Manga Banana Acerola Coco catolé Goiaba Tomate cereja
Raízes e Leguminosas	Macaxeira			
Outros	Mel de abelha Queijo coalho Manteiga da terra	Queijo Manteiga da terra Raizada de cachaça Molho de	Farinha de milho Fubá Bolo de caco Mel de abelha Carne	Tapioca Colorau Fubá Farinha de milho Massa de milho moído

		pimenta Nata Doce caseiro Galinha	de bode Buchada Galinha cozida Baião Cuscuz Ovo de galinha	Doce de frutas Pimenta

Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

Observando a tabela fica clara a diversidade de produtos comercializados na feira, desde insumos em sua forma natural até a produção final desse insumo, é possível encontrar um produto, como por exemplo, a banana, de várias formas, desde o doce até a própria fruta (figura 5), garantindo diversidade e mais saúde na mesa do consumidor. É possível encontrar também opções para o almoço, como galinha cozida, buchada, baião e fígado cozido, um queridinho pelos clientes, há a opção de comer lá mesmo ou levar para casa (figura 6). Em resumo é possível adquirir temperos naturais, ervas, doces, laticínios, mel, frutas e verduras, farinha de milho, fubá, hortaliças dentre muitos outros produtos naturais que são comercializados quando em época de colheita.

Figura 5 - Produtos comercializados na feira

Fonte: Trabalho de campo realizado em: 07/03/2024.

Figura 6 - Produtos comercializados na feira

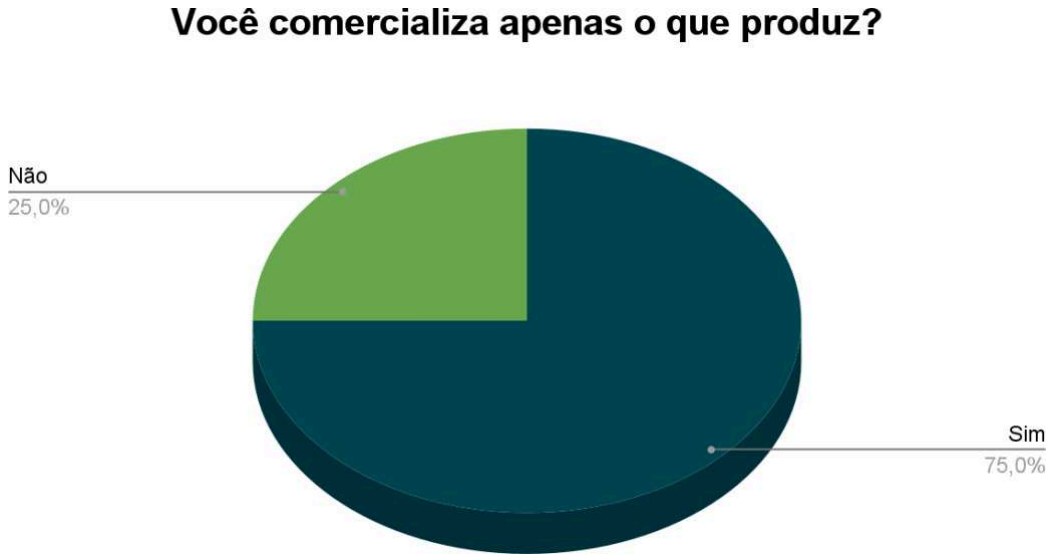
Fonte: Trabalho de campo realizado em: 07/03/2024.

Cabe ressaltar que a variedade e quantidade de produtos depende da quantidade produzida, que, por sua vez, depende da época de colheita de cada insumo e das condições climáticas, como afirma a produtora 2 (2024): “a chuva em excesso atrapalha algumas coisas e a seca em excesso também, é um equilíbrio” (informação verbal). Ainda, até mesmo o horário de compra na feira influencia na oferta, pois a maioria dos consumidores costuma ir cedo para garantir uma maior variedade de produtos e assim ter mais opções à sua escolha.

Além disso, como já destacado, o ponto principal da feira é a qualidade dos produtos orgânicos, o que se nota até mesmo passando pela primeira vez por lá, pois a cor e o cheiro dos produtos não deixam ninguém passar sem ao menos dar uma olhada ou sentir curiosidade de provar e comprar, seja as frutas e verduras ou doces e derivados. Assim, a feira oferece um leque de diversidade, variedade e qualidade e, ainda, a garantia do consumidor estar consumindo um produto livre de agrotóxicos e demais venenos, gerando uma maior oferta de alimentos básicos de qualidade à disposição dos consumidores.

É válido ainda pontuar que, três dos quatro agricultores da feira vendem somente o que é produzido em suas propriedades, cultivado pelos próprios e seus familiares. Apenas um produtor afirmou que quando não há produção suficiente de algum insumo compra de terceiros, porém afirma que compra somente de pessoas que conhece e sabe que também produzem de forma orgânica, o gráfico 3 ilustra este cenário.

Gráfico 3 - Origem dos produtos comercializados



Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

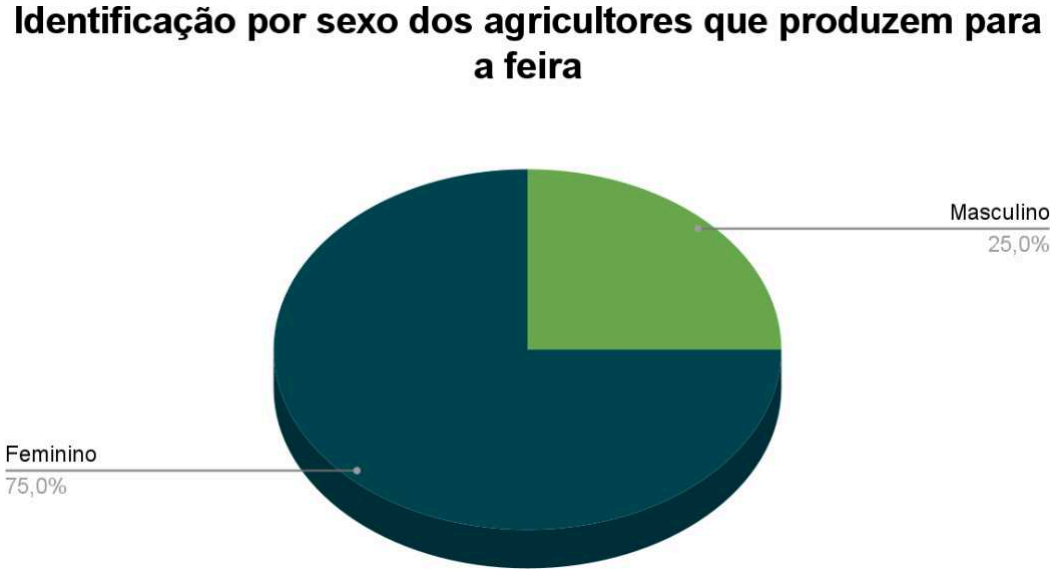
Assim, percebe-se que, um dos produtores acaba atuando de forma semelhante à ação dos atravessadores[4]. Essa é uma prática recorrente no meio agrícola, vista como um atraso ao progresso econômico e autônomo dos pequenos agricultores rurais, uma vez que os atravessadores compram os produtos a um preço muito reduzido e vendem mais caro ao consumidor.

Porém, é importante pontuar que o produtor entrevistado justificou que a compra de insumos de terceiros ocorre apenas quando a demanda de produtos é maior do que a sua produção, sendo necessário comprar de alguns colegas que também produzem orgânicos. Neste caso, a compra ocorre de forma mais justa, respeitando a jornada de produção, diferente do caso citado acima.

Outro ponto importante notado na feira foi a força do trabalho feminino. Dos quatro produtores entrevistados, três eram mulheres (gráfico 4), elas participam diretamente de produção orgânica, colheita e venda, são donas de casa e também dos negócios da família, mostrando a capacidade e o protagonismo feminino.

[4] Comerciantes livres, que atuam na função de repassar o produto para outros compradores. Na agricultura essa é uma prática cada vez mais comum pois alguns agricultores não dispõem de veículos para comercialização de seus produtos, se sujeitando a vender seus produtos a um preço mais baixo para esses compradores (Dicionário InFormal, 2009).

Gráfico 4 - Gênero dos produtores



Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024. Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

É comum observar que na maioria dos ambientes agrícolas o trabalho na roça é geralmente feito pelo homem, pois, de acordo com antigos ideais de caráter machista, ele tem "mais força e mais técnica", enquanto a mulher cuida da casa e dos filhos e seu trabalho no roçado é apenas uma "ajuda". Pensando dessa forma, o sucesso do trabalho agrícola é associado ao homem, sendo desconsiderada a participação feminina, como corrobora Melo (2002), citado por Lovatto *et al.* (2010, p. 200):

> o trabalho da mulher na agricultura familiar é gratuito e considerado 'ajuda', revelando que a atividade desenvolvida nessa forma de produção pertence ao homem, é da sua responsabilidade, é sua obrigação. O trabalho da mulher, não sendo reconhecido, ao contrário do desempenhado pelo homem, sugere que ele não gera valor econômico e social.

Porém, a produção orgânica da feira de São José de Piranhas contrapõe tal realidade e revela que o trabalho feminino tem grande relevância no roçado e na comercialização e está mudando tais preceitos. As produtoras mostram a força do trabalho feminino na produção rural, quebrando tabus e o preconceito tradicional que associa o trabalho agrícola apenas ao homem. Segundo elas, além da venda de seus produtos na feira, ainda participam da plantação e colheita dos produtos, mostrando a relevância do trabalho feminino na produção de

alimentos, contribuindo para a soberania alimentar[5], pauta tão necessária em nosso país.

Assim sendo, podemos dizer que a feira, além do que já foi pontuado, ainda atua como um ponto de fortalecimento ao trabalho feminino, oferecendo a oportunidade das mulheres se inserirem cada vez mais no mercado de trabalho através das atividades agrícolas. Ou seja, a feira é um espaço onde elas podem comercializar suas produções, garantir mais reconhecimento da sua força de trabalho e gerar renda extra para casa, o que para a sociedade patriarcal é visto como uma tarefa masculina.

Conforme o exposto, é possível perceber que a feira possui grande representatividade para os produtores, exprimindo a força e importância do seu trabalho, e oferece mais qualidade de vida para a população. No entanto, para que sua continuidade seja garantida, é fundamental que os produtores recebam mais apoio e que a feira tenha mais visibilidade, promovendo um futuro mais promissor para todos os envolvidos.

2.3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DO PLANTIO ORGÂNICO NA ÓTICA DOS PRODUTORES RURAIS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB

Apesar de todos os benefícios econômicos e sociais anteriormente citados, a feira ainda necessita do fortalecimento de alguns pontos para oferecer mais segurança aos comerciantes. Qualquer tipo de negócio enfrenta riscos e está sujeito a passar por altos e baixos, porém, o que faz com que isso seja superado é a busca por soluções práticas para enfrentar tais percalços.

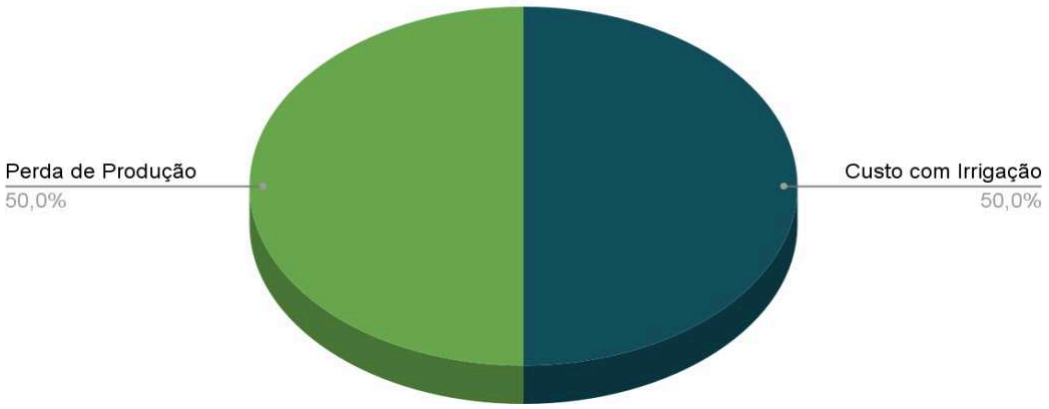
No caso da feira de São José de Piranhas, analisando as entrevistas e as conversas com os produtores, foi possível perceber que algo que os incomoda no momento, e que oferece riscos à comercialização, é a falta de divulgação da feira, o que implica em um menor fluxo de consumidores. Somado a isso, outro ponto que causa grande impacto, ainda segundo eles, são algumas dificuldades enfrentadas na produção, pois produtos orgânicos exigem um plantio com cuidados especiais, uma vez que não se utiliza agrotóxicos para o controle de pragas nem fertilizantes químicos.

[5]A soberania alimentar complementa as noções de segurança alimentar, que por sua vez "se consegue quando todas as pessoas, em todo momento, têm acesso físico, econômico e social a alimento suficiente, seguro e nutritivo, para satisfazer suas necessidades alimentares e suas preferências (FAO, 2003, *apud* Soglio; Kubo, 2016, p. 97). Dessa forma, a soberania alimentar se revela como "[...] o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito a alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e diversidade dos modos campeiros, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental" (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, 2001, *apud* Soglio; Kubo, 2016, p. 103

É importante salientar que, por se tratar de uma produção orgânica, não há uma garantia de que todas as culturas produzidas crescerão em grande escala, estarão livres de pragas ou se desenvolverão de forma simultânea. Ademais, como exige mais tempo e cuidado, a produção pode ocorrer em menor quantidade que na agricultura convencional. Outro ponto essencial é que a produção orgânica está diretamente ligada a fatores naturais, como as condições climáticas e a disponibilidade hídrica, que variam conforme a realidade de cada agricultor. Tais cuidados exigem que esta prática ocorra, a todo momento, em harmonia com a natureza.

Devido às condições geográficas que nos encontramos, inseridos no polígono das secas[6], é recorrente que o período de estiagem traga problemas aos agricultores, não só a estes da pesquisa, mas a todos em geral. Com este período aumentam os gastos com irrigação, para aqueles que possuem sistema de irrigação, e para os que não possuem, vem pela frente uma época difícil com maiores risco de perda de algumas culturas e gastos com outras formas de irrigação. O gráfico abaixo exemplifica isso apresentando as principais dificuldades que os agricultores citaram que enfrentam para produzir de forma orgânica.

Gráfico 5 - Maiores dificuldades em produzir orgânicos na opinião dos agricultores de São José de Piranhas - PB



Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

[6]Quando se fala na territorialidade das secas, a nível de Nordeste, é preciso considerar o principal recorte espacial utilizado para delimitação das condições de semiaridez, o qual tem uma área de 877.630,2 km² de extensão, que abrange 1050 municípios dessa região. Tal delimitação territorial recebe o nome de "Polígono das Secas", e foi criada em 1989, a partir da Lei nº 7.827, de 27 de Setembro, e alterada posteriormente em 2017 nas resoluções 107 (27 de Julho); e 115 (23 de Novembro) tendo como objetivo definir uma área de referência para o direcionamento de políticas públicas para os municípios que faziam parte do Semiárido nordestino (SUDENE, 2017 *apud* Troleis e Silva, 2018.

Durante a pesquisa, todos os produtores afirmaram que o período de estiagem é muito difícil, analisando o gráfico podemos perceber o porquê. Esse período traz consigo algumas dificuldades na produção, consideradas as principais preocupações durante o ano. Uma destas é a irrigação, o principal fator que causa essa preocupação é o aumento com os gastos de energia elétrica, que pode causar um grande impacto na produção, pois pode levar a um corte de custos em outras áreas. Sobre os altos custos nessa época, o produtor 1 (2024) revela que: "a energia pra produzir tá cara, tem mês que eu chego a pagar 800, 900 reais" (informação verbal).

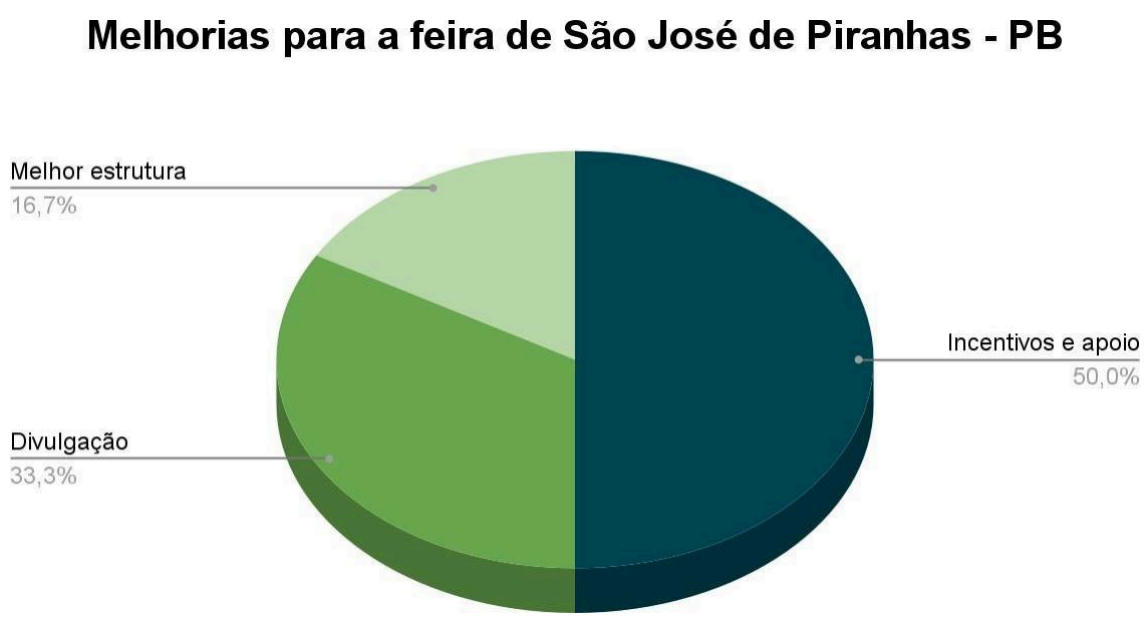
Estes gastos com meios de irrigação causam um grande impacto no bolso do agricultor, testando suas habilidades com situações problema. Se de um lado existe o gasto com energia, do outro existe a necessidade de driblar os impactos que a seca pode causar na produção. Mesmo que o meio rural do produtor possua reservatórios como açudes, cisternas ou poços artesianos, longos períodos de estiagem podem levar ao esgotamento destes, assim, faz-se necessário pensar em soluções práticas, como, por exemplo, produzir culturas que não exijam tanta água, fazer uso da cobertura morta, dentre outras propostas agroecológicas.

A outra metade do gráfico representa a perda de produção, outro problema bem recorrente com os feirantes. A produção orgânica exige conhecimento, cuidado e paciência, pois pode ser acometida por insetos, lagartas, frio, calor em excesso e necessita de uma boa base de plantio. Dessa forma a perda de produção pode ocorrer devido a diferentes fatores, como: o modo de produção que pode ser acometido por pragas, uma vez que não se faz uso de venenos para controle destas; cada cultura depende de condições climáticas favoráveis, podendo variar conforme a época do ano; também ocorre perda de mercadorias durante o transporte, se este não for adequado.

Tudo isto ressalta a importância do agricultor obter constantemente conhecimento sobre os métodos e meios mais adequados à produção que a agroecologia oferece. Além disso, existem diversos tipos de manejo na agroecologia, e, um dos que oferecem maior segurança é a produção por meio dos agroecossistemas, que poderia ser muito útil aos agricultores.

Ainda na pesquisa, foi questionado o que eles gostariam que mudasse, ou melhorasse, na feira para que esta se torne ainda melhor para eles e também para os consumidores. O gráfico abaixo exprime a resposta dos agricultores.

Gráfico 6 - Pontos para melhorar na feira de São José de piranhas segundo os produtores



Fonte: Trabalho de campo com aplicação de questionário realizado em: 07/03/2024.
Elaborado por: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira.

Tratando-se da feira, alguns pontos citados pelos agricultores estão diretamente ligados à produção, visto que a maioria deles gostariam de receber mais incentivos e apoio, para eles esse é um ponto crucial a ser fortalecido, pois a produção agroecológica é muito dinâmica e está sempre em transformação. A produção agroecológica exige muita prática e diversos cuidados, ela ocorre em harmonia com a natureza e todo o seu dinamismo, para isso se faz uso de agroecossistemas, capazes de suprir suas necessidades próprias e superar possíveis adversidades, dessa forma é preciso estar sempre em busca de novos conhecimentos sobre esses sistemas de produção, que estão sempre ganhando novas técnicas.

Esse tipo de produção é essencialmente dinâmica e complexa, porém extremamente potente no que se refere a qualidade e meio de produção. Por ser um tipo de produção relativamente nova e sua conexão direta com a natureza que é tão mutável, são realizadas diversas pesquisas nessa área. Tais pesquisas sempre trazem novas contribuições quanto ao plantio, controle de invasores naturais e afins, e são de grande valia para agregar mais conhecimento ao agricultor. Dessa forma, tendo acesso a esses conhecimentos, terão um melhor aproveitamento e maior segurança quanto a produção e comercialização.

Outro ponto a ser fortalecido é a divulgação da mesma, para os produtores a falta de conhecimento sobre a feira está impactando as vendas, segundo eles, o movimento diminuiu bastante após a inauguração e atualmente está comprometendo a comercialização, pois a prefeitura não divulga com frequência como antes o fazia. Além disso, eles gostariam que

houvesse um pouco mais segurança no local da feira e melhores condições de trabalho, com barracas melhores e melhor estrutura no local e das barracas.

3 AS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, DO USO DOS AGROECOSSISTEMAS E DA COMERCIALIZAÇÃO

A agricultura é uma prática essencial para a existência humana, cuja origem remonta ao período Neolítico, há mais de 10 mil anos. Esse processo iniciou-se com a transformação dos sistemas de predação e o surgimento de formas de cultivo, possivelmente desenvolvidas próximas a moradias e aluviões das vazantes dos rios (Mazoyer; Roudart, 2010, *apud* Lima *et al.*, 2019, p. 52). Essa prática, umas das mais antigas da humanidade, é crucial para a sobrevivência na Terra, destacando sua importância ao longo da história, apesar de ter sido fortemente impactada pelo capitalismo em um contexto global.

De acordo com Porto-Gonçalves (2012) desde antes do processo de colonização do que veio a ser conhecido como Américas, os povos indígenas praticavam uma forma distinta de agricultura, a qual utilizavam da natureza o necessário para sua sobrevivência, sem a agredir ou explorar mais do que necessitavam. Estabelecia-se assim uma relação de respeito com a natureza e não somente de exploração de recursos, diferente da exploração intensiva dos modelos de produção que fazem uso das grandes monoculturas, por exemplo. Mesmo com a propagação de tais modelos, as práticas indígenas se mantiveram vivas e influenciaram no surgimento de práticas alternativas de agricultura, até hoje estudadas como alternativas aos agroecossistemas tradicionais (Altieri, 2004).

Em uma perspectiva de análise, este capítulo trará uma breve história da prática da agroecologia no Brasil e sua abrangente área de atuação, sobre os meios de produção orgânica por meio de agroecossistemas, um dos meios mais seguros e eficazes para tal tipo de produção, e, abordará ainda um dos principais meios de incentivo e apoio a produção orgânica e familiar: as feiras.

3.1 AS ABRANGÊNCIAS E MULTIPLICIDADES DA AGROECOLOGIA

A agroecologia é uma área do conhecimento relativamente complexa e multifacetada, que abrange diversos aspectos da sociedade. Seu entendimento exige um estudo mais aprofundado, no entanto, neste capítulo abordaremos apenas os conceitos básicos. Para discutir sobre agroecologia é preciso a priori conhecê-la e compreender um pouco sobre o seu abrangente universo de atuação, para isso, iniciaremos com uma breve introdução, baseada em autores conceituados nesta área. As discussões sobre esta passam por áreas da agronomia, agricultura, sustentabilidade, questões sociais, ambientais, políticas, econômicas, etc.,

tornando-a multidimensional e amplamente abrangente. Devido a sua multiplicidade, vários autores discutem-na e apresentam diferentes conceitos para a mesma, e aqui abordaremos algumas dessas perspectivas, a fim de facilitar a compreensão desse modelo de produção.

Nessa ótica, para compreender a agroecologia, é preciso reconhecer a sua multiplicidade, uma vez que ela bebe de várias áreas de conhecimento. Conforme Gliessman citado por Soglio; Kubo (2016, p. 50), a agroecologia deriva da ecologia e da agronomia, sendo uma espécie de resultado de um cruzamento fértil de ambas, suas bases são formuladas mediante abordagens científicas, porém não se prende somente a elas. Além disso, a partir de em enfoque sistêmico, ela adota o agroecossistema[7] como instrumento de análise, para assim proporcionar as bases científicas (princípios, conceito e metodologia) que darão apoio à transição do modelo convencional de agricultura para um mais ecológico (Caporal, 2009a, p. 233).

Dessa forma, a agroecologia se preocupa com diversas esferas do cotidiano social e em como pode impactá-las e transformar cada uma delas. Embora suas bases sejam naturais, ela é científica, pois utiliza estudos para desenvolver um manejo que se adeque às dinâmicas da natureza e às necessidades de cada produtor. Ela é social e integrada à economia, envolvendo a participação do agricultor em projetos e programas de apoio, promovendo novas formas de produção e de comercialização, como as feiras, incentivando a permanência no campo. Além disso, promove a união das técnicas com o meio, do homem com a natureza e deles com a sociedade, sendo uma força motriz para mudanças sociais e ecológicas, propondo soluções sustentáveis para os desafios encontrados na produção.

É possível subentender que, no momento, o foco principal da agroecologia é auxiliar e incentivar a transição de estilos da agricultura, um processo contínuo de mudanças nas formas de manejo. A adoção de novas técnicas geram novas mudanças, das quais surgem novos resultados e, a partir deles, "vão sendo apropriados e incorporados novos princípios, métodos, práticas e tecnologias que levem à construção de agriculturas de base ecológica e ao redesenho dos agroecossistemas" (Caporal; Costabeber *apud* Caporal 2009a, p. 220). Com isso, esse redesenho visa torná-los mais eficientes e adaptados à realidade de cada produtor.

Esse novo modelo tem como objetivo levar para o campo uma prática mais produtiva

---

[7]A agroecologia "utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Uma abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos" (Altieri, 2004, p. 23).

para o agricultor, menos prejudicial à natureza e capaz de se adaptar às transformações do tempo e do espaço, como as mudanças climáticas, ataques de pragas, perda de nutrientes do solo, entre outros. Tal processo é conhecido como transição agroecológica, um dos conceitos centrais da agroecologia, que, de acordo com Costabeber (2004), se refere ao período em que ocorre o processo de transformações, mudanças e adequações das práticas da agricultura convencional para uma mais ecológica.

Utilizando os estudos de Costabeber (2004, p. 39) sobre transição agroecológica podemos chegar a um conceito mais concreto sobre esta, a qual ele explica que:

> [...] poderia ser definida como a passagem do modelo produtivista convencional à formas de produção mais evolucionadas desde o ponto de vista da conservação dos recursos naturais e, consequentemente, mais sustentáveis no médio e longo prazos. A característica fundamental deste processo de transição seria a "ecologização" da agricultura, assumindo as considerações de caracter ambiental e biofísico um papel ativo na determinação das práticas agrárias. Esta ecologização das práticas agrárias estaria, por sua vez, crescentemente marcada por uma maior integração entre a Agronomia e a Ecologia [...].

Trata-se, portanto, de um período de mudanças, estudos e adaptação, no qual as novas técnicas e tecnologias são incorporadas à produção conforme as necessidades do produtor e das condições ambientais que está inserido, pois este não é um modelo único, mas sim adaptável à realidade de cada um. Como afirma Caporal (2009b, p. 8) essa transição "não é apenas e simplesmente buscar a substituição de insumos ou a diminuição do uso de agrotóxicos, mas de um processo capaz de implementar mudanças multilineares e graduais nas formas de manejo dos agroecossistemas". Em resumo, trata-se do processo de passagem da agricultura agroquímica convencional para uma de bases mais ecológicas, que ocorre a partir do manejo dos agroecossistemas – outro conceito central que será abordado mais adiante – visando uma produção mais ecológica e em maior harmonia com a natureza.

Este tipo de agricultura visa preservar os recursos naturais, fundamentais para toda a produção, empoderar os produtores por meio da comercialização de seus produtos e impactar positivamente a sociedade com seus resultados. Dessa forma, ela se qualifica como uma prática mais sustentável. Porém, para alcançar a sustentabilidade, é necessário seguir alguns princípios fundamentais, segundo Gliessman (*apud* Caporal, 2009a, p. 225), esses princípios são:

> a) baixa dependência de insumos comerciais; b) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; c) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; d) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; e)

> manutenção a longo prazo da capacidade produtiva; f) preservação da diversidade biológica e cultural; g) incorporação do conhecimento e da cultura da população local; h) produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação, se for o caso.

Assim, é possível entender por que a agroecologia valoriza tanto a preservação dos recursos naturais, uma vez que esses recursos são essenciais para a continuidade de produção e os próprios meios de enfrentar as adversidades que possam surgir. Além disso, a adoção de práticas agrícolas mais sustentáveis garante produtos de melhor qualidade, promove a saúde, diversifica a alimentação e contribui para a conservação dos recursos naturais, que perdem espaço cada dia mais.

Quando se fala em agroecologia comumente imagina-se que esta seja a salvação para todos os problemas ambientais do planeta e que seja completamente pautada em processos totalmente naturais, porém, a realidade não é exatamente esta. Aprofundando-se nessa discussão é possível entender que ela não se coloca como uma solução ambiental, mas sim busca meios para desenvolver uma produção mais limpa. Para esclarecer isso, Caporal (2009b, p. 2) explica bem essa situação quando diz que:

> [...] a Agroecologia não se propõe como uma panacéia para resolver todos os problemas gerados pelas ações antrópicas de nossos modelos de produção e de consumo, nem espera ser a solução para as mazelas causadas pelas estruturas econômicas globalizadas e oligopolizadas, senão que busca, simplesmente, orientar estratégias de desenvolvimento rural mais sustentáveis e de transição para estilos de agriculturas mais sustentáveis, como uma contribuição para a vida das atuais e das futuras gerações neste planeta de recursos limitados.

Ou seja, sintetizando tudo o que aqui foi abordado, conclui-se que a agroecologia trata-se de um campo do conhecimento que busca propor conjuntos de estratégias, metodologias e técnicas visando aprimorar as práticas agrícolas, para que estas, unindo o conhecimento empírico[8] dos agricultores com os avanços científicos da área, resultem na transição do modelo agrícola atual para um desenvolvimento rural mais sustentável, tanto para o presente quanto para as próximas gerações.

[8] De acordo com Lacerda et al. (2022, p. 2): "a palavra empirismo (do latim 'empiria') significa experiência. Ela foi definida pela primeira vez de modo conceitual pelo pensador inglês John Locke, em 1690, época na qual tinha uma separação clara entre experiência e resultado. Ele relata que 'só a experiência preenche o espírito com ideias', ou seja, se baseando no conhecimento adquirido apenas pela experiência diária, sendo assim, quanto mais extenso, profundo forem as experiências, maior será o conhecimento."

3.2 PRODUÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS: UMA ALTERNATIVA QUE VISA GARANTIR MAIS AUTONOMIA AO PRODUTOR

Ao tratar-se de produção agroecológica é importante abordar a relevância que a produção a partir dos agroecossistemas representa. Visto que, de acordo com Altieri (1989) citado por Caporal (2009a, p. 233) este é a unidade fundamental de estudo da agroecologia, onde são analisados os processos biológicos e as relações sócio-econômicas, tendo como objetivo a otimização do agroecossistema a partir da análise e interpretação das complexas relações entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais, e não apenas a maximização de uma atividade em particular.

Dessa forma, acreditamos que os estudos em torno da produção orgânica do agroecossistema, com a finalidade de otimizá-lo, ajudaria a sanar os diversos problemas que os agricultores podem enfrentar durante o cultivo, além de oferecer uma maior autonomia e menor dependência de insumos externos e não-renováveis, mostrando-se como uma ótima opção de modelo de produção.

A busca por equilíbrio sempre foi um dos principais objetivos do ser humano em diversos aspectos, e na agroecologia isso não é diferente. O equilíbrio entre o modo de produção mais ecológico e um impacto ambiental reduzido é central nesta área. Para isso, recorre ao manejo através dos agroecossistemas, cujo propósito é desenvolver as condições necessárias para a criação de uma espécie de ecossistema com os recursos necessários para uma produção mais sustentável e autônoma.

O modelo de agricultura vigente é conhecido por esgotar os recursos naturais e causar degradação ambiental, além de toda a poluição e desmatamento que tem causado. A agroecologia, por outro lado, propõe um caminho oposto a tudo isso. Para tanto, ela utiliza sistemas de produção que variam em complexidade, mas que compartilham o objetivo de criar agroecossistemas mais equilibrados e que causem um baixo impacto ambiental.

Na perspectiva agroecológica, há uma preocupação constante com os impactos ambientais e a preservação da biodiversidade local, elementos essenciais para o desenvolvimento dos agroecossistemas. Isso ocorre porque a “redução da biodiversidade acarreta a perda de funções ecológicas, tais como o controle biológico e a reciclagem de nutrientes, ocasionando um desequilíbrio ecológico generalizado” (Soglio; Kubo, 2016 p. 17). Tal desequilíbrio compromete as funções do agroecossistema, pois a harmonia da biodiversidade garante a sua capacidade de se recuperar de forma autônoma.

O funcionamento dos agroecossistemas depende de alguns fatores, segundo Altieri[9] (2004, p. 23) “a produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes”. Esse conjunto de características configura a produção saudável de um agroecossistema, isso se percebe, ainda segundo o próprio, “quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades”, ou seja, possui as condições necessárias para se recuperar de adversidades como pragas, mudanças climáticas e períodos de seca.

Por este motivo a agroecologia dos agroecossistemas se empenha tanto para manter um ecossistema saudável, visando aumentar sua autonomia e a capacidade de enfrentar as adversidades impostas pela natureza. Isso torna o produtor o ator principal do seu próprio desenvolvimento, assim, com base nas ferramentas metodológicas da agroecologia ele constrói um sistema mais forte e saudável, consoante os seus objetivos (Chambers *apud* Altieri, 2004, p. 27).

Sintetizando o que já foi mencionado e parafraseando Altieri (2004), entendemos que o objetivo dos agroecossistemas é fornecer aos produtores conhecimentos e métodos para a integração de componentes que aumentem a eficiência biológica do sistema de produção e mantenha a capacidade autorreguladora, para que se projete um agroecossistema que imite o funcionamento dos ecossistemas naturais locais, mantendo uma alta diversidade de espécies; o solo biologicamente ativo; um sistema capaz de controlar naturalmente as pragas; reciclagem de nutrientes e uma vasta cobertura do solo, evitando perdas de recursos.

Outro elemento fundamental para os agroecossistemas, conforme aponta Altieri (2004, p. 29), é a diversidade de culturas. Essa prática, embora pareça comum, tem diminuído ao longo do tempo, principalmente com o aumento das monoculturas. Em decorrência disso, diversas culturas foram prescindidas de tal maneira que perderam espaço para as mais valorizadas pelo agronegócio, como soja e milho, por exemplo, o que pode acender um alerta em relação à diversidade alimentar.

De acordo com Soglio e Kubo (2016, p. 17) estudos realizados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2005), mostram que:

> das mais de 300.000 espécies de plantas que poderíamos domesticar, somente 150 a 200 são aproveitadas de alguma forma, e 60% das calorias e proteínas obtidas delas na alimentação básica da população do planeta provêm de apenas três espécies vegetais, o trigo, o arroz e o milho. Hoje, 75% da alimentação humana dependem de

[9] Engenheiro Agrônomo, Mestre em Extensão Rural (CPGER/UFSM), Doutor pelo Programa de “Agroecología, Campesinado e Historia” (Universidad de Córdoba – España), como bolsista do CNPq. Extensionista Rural da EMATER/RS-ASCAR. Autor renomado e reconhecido na área da Agroecologia e dos Agroecossistemas, suas obras foram a base dos estudos realizados neste trabalho sobre os agroecossistemas.

> doze espécies de plantas e de cinco espécies de animais. Estudos indicam que, desde 1900, se acumulou uma perda de 75% da diversidade genética das plantas usadas na agricultura e que 30% das raças de animais domesticados se encontram em risco de extinção.

Isso revela que, a vasta diversidade de espécies vegetais, atualmente negligenciada, poderia ser aproveitada de uma maneira mais eficaz na tentativa de combater a fome que afeta uma grande parte da população. Ao incorporar uma maior variedade de plantas na produção e no consumo, haveria mais possibilidades de reduzir significativamente a insegurança alimentar, proporcionando uma ampla gama de opções alimentares e, consequentemente, mais alternativas de preços acessíveis. Isso abriria novas oportunidades de compra e tornaria o abastecimento de alimentos mais resiliente e sustentável.

Percebe-se então a importância de produções que prezam pela diversidade de insumos, como, por exemplo, as familiares, que sustentam e alimentam boa parte do país, produzindo 70% do feijão nacional, 34% do arroz, 87% da mandioca, 46% do milho, 38% do café e 21% do trigo, além do destaque na produção de leite, dos bovinos, suínos e aves (Fenata, 2019). A exemplo temos os agricultores desta pesquisa, que em suas propriedades diversificam a produção, como mostra o quadro 1 do capítulo anterior, com culturas nativas da região e ecológicas, oferecendo para a população mais saúde e produtos de qualidade.

Ainda se tratando de diversidade de espécies, esta se mostra muito importante também para a saúde dos agroecossistemas, pois ela é responsável por aumentar a resistência às doenças que atacam espécies particulares de plantas. Grandes variedades de culturas possibilitam também aos agricultores explorar diferentes microclimas, os quais surgem a partir das diferentes formas de cada espécie interagir com o meio, na busca de atender suas próprias necessidades nutricionais (Altieri, 2004, p. 30).

Além da diversidade, outro elemento crucial para manter o agroecossistema saudável é o uso do plantio intercalado de espécies. De acordo com Altieri (2004, p. 32), através dele os sistemas de cultivo são capazes de reutilizar seus próprios estoques de nutrientes, pois ao intercalar as espécies cultivadas o solo é enriquecido com matéria orgânica, contrabalanceando a tendência de algumas culturas exaurir o solo. A exaustão do solo é um problema muito recorrente da agricultura convencional e que normalmente é corrigido com produtos químicos, porém, a pluralidade dos agroecossistemas garantem a capacidade de recuperação do mesmo e de uma produção mais forte e saudável sem a necessidade de tal uso.

Entre os desafios enfrentados na produção agroecológica, a ocorrência de pragas é um dos mais recorrentes, caso inclusive citado pelos produtores da feira. Para lidar com tal

problema, os produtores dos agroecossistemas fazem uso de um método para tentar diminuir esse impacto. De acordo com os estudos de Altieri (2004, p. 32) uma forma de evitar uma maior incidência de pragas é através do plantio abundante, com o consorciamento de distintas espécies cria-se habitats para os inimigos naturais das pragas, com isso, é possível permitir que uma parcela da produção, plantada nesse intuito, corra o risco de ser prejudicada para que outra maior e direcionada a comercialização não seja atingida. Para isso, é importante que o agricultor esteja sempre atento à produção, observando qualquer mudança para ter um maior controle.

Dessa forma, uma vez adotadas, essas estratégias podem beneficiar o plantio do coentro, por exemplo, como foi citado pela agricultora 3" no capítulo anterior, que relatou passar por problemas como ocorrência de pragas. Isso reflete a importância do acompanhamento dos agricultores, pois tais adversidades podem ser solucionadas com a oferta de cursos e afins para proporcionar o conhecimento continuado dos mesmos sobre o universo da agroecologia, visto que este é tão vasto e tem tanto para oferecer.

Outra dificuldade que se reflete na agricultura da nossa região é a tarefa de manter o cultivo de espécies no período de estiagem. As altas temperaturas, alta radiação solar e a baixa precipitação tornam esse processo ainda mais difícil e caro, pois demanda altos custos com irrigação, isso se comprova com a fala do agricultor 1 no capítulo anterior, ao relatar seus gastos durante essa época do ano.

Sendo assim, para enfrentar esse período de forma mais proveitosa, tanto para o agricultor quanto para o seu sistema de cultivo, é sugerido que este dê preferência às plantas tolerantes a seca, pois já são adaptadas às condições climáticas, e, ainda, faça uso de práticas de manejo que buscam diminuir a incidência solar no solo, a exemplo a cobertura morta, que evita o escoamento de água e a evaporação (Altieri, 2004, p. 39). Com isto as implicações causadas pela seca teriam um menor efeito e a produção estaria mais fortalecida.

Diante de todos os conhecimentos agregados pela agroecologia, é importante mais uma vez destacar que ela também se dedica ao estudo da agricultura tradicional local. O estudo das práticas e saberes tradicionais é muito valioso, visto que, é no empirismo estão presentes os conhecimentos necessários para o "desenvolvimento de estratégias agrícolas apropriadas, adequadas às necessidades, preferências e base de recursos de grupos específicos de agricultores e agroecossistemas regionais" (Altieri, 1983 *apud* Altieri, 2004, p. 26).

Além de resultar em formas eficientes e singulares de cultivo, o estudo das práticas locais pode ainda ajudar a propagar o conhecimento empírico dos produtores para as novas gerações. É importante a transferência desses saberes, pois com o passar dos anos tais

costumes e tradições parecem estar se perdendo, tendo em vista a propagação da ideia capitalista de que a modernização agrícola é o melhor caminho, assim, esse conhecimento pode ficar “eternizado” de certa forma através dos estudos realizados nessa área.

Para que mais pessoas tenham consciência da importância desse tipo de conhecimento é necessário haver visibilidade, incentivo e apoio a esse tipo de prática. Iniciativas como as Feiras Agroecológicas e os programas de apoio à agricultura familiar são fundamentais para promover essa visibilidade e o desenvolvimento da agroecologia. Esses espaços incentivam a permanência no campo, valorizam a cultura local e a produção diversificada, saudável e de qualidade, contribuindo para um sistema alimentar mais sustentável e acessível.

3.3 A IMPORTÂNCIA DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL COMO APOIO ÀS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS FAMILIARES

As relações sociais sempre foram, de algum modo, pautadas por relações de poder, na qual aqueles com mais recursos e riqueza detêm o comando sobre os que possuem menos. Esses últimos, muitas vezes, ficam à mercê de uma pequena parcela que controla os recursos necessários para a sobrevivência da maioria. Diante deste cenário, surgem os movimentos de luta e resistência, nos quais são articulados formas de garantir mais autonomia, liberdade e melhores condições sociais, econômicas e políticas, como serão apresentadas a seguir.

Considerando a relevância da agricultura e sua capacidade de moldar as relações sociais e econômicas, é importante destacar, de forma concisa, como ela tem despertado na sociedade ao longo do tempo dois lados extremos, que influenciam diretamente movimentos sociais. Esses movimentos, por sua vez, resultaram no objeto de estudo desta pesquisa: as feiras agroecológicas. Para uma compreensão mais clara, é preciso revisitar um pouco da história.

A raiz da questão agrícola no Brasil tem início com a chegada dos portugueses. Após a consolidação do processo de dominação, a Coroa Portuguesa estabeleceu-se no país com a meta de colonizar a nova terra. Do processo de povoamento, que se deu de forma descontínua e esparsa, resultou um problema que o país enfrenta até hoje: a distribuição desigual de terras. Tal problema originou-se da "lei das sesmarias", que consistia na doação de grandes porções de terras pelo rei de Portugal a súditos que alegavam ter as valorizado ou prestado serviços relevantes à Coroa, que desconheciam muitas vezes até a dimensão dessas terras (Valverde, 1985, p. 233). Esse sistema de doação resultou em uma concentração fundiária, o que trouxe consigo uma série de conflitos.

Essa desproporção na distribuição de terras atravessou gerações e, ainda hoje, lidamos com suas consequências. Como resultado, surgiram os latifúndios e os grandes proprietários de terras (latifundiários), que com a ascensão do capitalismo destinaram-nas ao agronegócio.

O agronegócio surgiu no Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980, como uma promessa de desenvolvimento do país, levando os grandes proprietários a destinarem suas terras de produção a esse modelo, principalmente após o boom das exportações de produtos agrícolas e agroindustriais nos anos mais recentes (Heredia *et al*., 2010, p. 160). O agronegócio funciona como uma cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos até a comercialização e consumo e o valor a ele agregado passa, obrigatoriamente, por cinco mercados: o de suprimentos; o da produção propriamente dita; o do processamento; o de distribuição; e o do consumidor final (Gasques *et al*., 2004, p. 8). Com o desenvolvimento econômico proporcionado por esta cadeia produtiva, cada vez mais verbas, apoio e divulgação é destinado para o agronegócio, que visando a maximização dos lucros acaba causando grandes impactos naturais.

Enquanto isso, em contrapartida a toda a produção agrícola e mecanizada existente no país, uma considerável parcela da população não possui acesso a terras para produzir alimento para o consumo próprio ou sequer condições sociais de manter uma boa alimentação, resultando em uma expressiva escassez de alimentos, insegurança alimentar e até mesmo fome.

Nessa perspectiva, o que ocorre é uma expressiva desigualdade no meio rural, de um lado o crescimento acelerado dos meios de produção capitalista e do outro a resistência e luta por igualdade, Fernandes (1994) afirma que:

> [...] o desenvolvimento do capitalismo é desigual e contraditório e que sua essência está na reprodução ampliada do capital. Na medida em que acontece o desenvolvimento do capitalismo no campo, este tende a se apropriar de todos os setores de produção, expropriando os trabalhadores de seus instrumentos e recursos (p. 24).

Diante disso, a relação do capitalismo é desigual e contraditória ao passo que, de um lado, o proprietário tem lucros altíssimos, graças ao trabalho e apropriação de terras e meios de produção, enquanto, do outro, quem produz é explorado e, muitas vezes, não tem sequer moradia. Ou seja, trata-se de uma relação com lados extremos e opostos, na qual de um lado está a produção em larga escala com toda sua lucratividade e, do outro, a fome de quem produz.

Em contrapartida a essa produção capitalista surgiram movimentos que buscam reparar

os danos sociais, naturais e econômicos que esse modo de produção tem causado. Atualmente essa frente de luta pela terra no Brasil tem sua maior representação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o qual tem como principal opositor o agronegócio.

De forma ainda mais ampla, e enquanto resistência camponesa, a Agricultura Familiar tem se mostrado, na qualidade de principal elemento de resistência desses movimentos camponeses do Brasil, uma forma mais justa e limpa de produzir, a partir dela se luta por todos terem direito à terra, dignidade, vida, e produzir de forma sustentável. Para bem expressar essa luta, Fernandes (1994, p. 46) diz que: "[...] a luta pela reforma agrária não passa apenas pela distribuição de terras, vai além… vai em direção da construção de novas formas de organização social que possibilitem a (re)conquista da terra de trabalho - a propriedade familiar".

É evidente que existe uma dualidade no setor agrícola no Brasil, essa divisão foi diretamente influenciada pelas revoluções tecnológicas, que impulsionaram a evolução deste setor. Ou seja, coexistem de um lado uma agricultura altamente mecanizada e avançada tecnologicamente, a qual dispõe de todo capital necessário à sua expansão, e de outro, uma que produz a maior parte dos gêneros alimentícios consumidos pela população do país, mas não tem tanto apoio. Portanto, a agricultura familiar, apesar de ser amplamente heterogênea e diversificada, convive com a escassez de recursos para novos investimentos em máquinas e equipamentos, sendo muitas vezes associada à agricultura de subsistência, de baixa renda ou precária (Lima *et al*., 2019, p. 57).

Todo esse processo de mecanização e "industrialização da agricultura" são vistos como garantia de eficiência para as atividades que antes eram desenvolvidas braçalmente pelo agricultor, buscando agora maximização de lucros e redução dos custos. Essa "industrialização" visa simplificar os sistemas de produção e massificar a adoção das tecnologias padronizadas, deixando para trás a natureza da agricultura tradicional, a diversidade. Para isso, fazem uso de diversos artifícios, como promover propagandas maciçamente e até condicionar a concessão de crédito rural à adoção dos pacotes tecnológicos do modelo de modernização da agricultura (Soglio; Kubo, 2016, p. 14).

A agricultura familiar, embora ainda esteja subordinada ao capitalismo, difere do modelo citado acima, e por não seguir a risca todas as padronizações impostas recebe menos incentivos financeiros. Essa prática agrícola não condiz somente com uma forma de produção, mas sim uma forma de vida. Sua prática está diretamente ligada com a terra, é um tipo de relação social, na qual o trabalho é baseado no respeito à terra, ao tipo de alimento a ser cultivado, a forma de cultivo e a relação familiar, semelhante e quase sempre em conjunto

com a agroecologia.

Desta forma, a agricultura familiar luta, enquanto forma de resistência, contra esse modelo que tanto mal tem causado à sociedade. Uma das principais formas de resistência está representada através das feiras agroecológicas (ou como sejam chamadas em cada lugar), que se mostram como um importante espaço de valorização social e econômica para essa prática.

As feiras são expressões culturais, sociais e econômicas, têm se mantido vivas ao longo do tempo, mesmo com a ascensão das redes de mercado, elas revelam sua importância tanto para quem compra quanto para quem vende, representando uma tradição antiga que até hoje é valorizada pelos brasileiros. Em cada lugar ela possui características próprias, um tipo específico de público e a forma de representar a luta de um povo. De acordo com Vieira (2004) citado por Dantas (2008, p. 98) é no Nordeste onde a feira possui maior influência na dinâmica sócio-espacial, pois "em plena globalização [...] a feira se destaca no contexto do lugar como lócus de resistência onde estão envolvidos o pequeno agricultor que negocia sua própria produção, os artesãos com seus produtos regionais, os violeiros, os repentistas e os inúmeros curiosos", talvez essa conexão com as raízes seja um dos motivos pelos quais estas são tão queridas e representativas.

Olhando para a história da Paraíba, o movimento que resultou, entre outras coisas, no surgimento das feiras agroecológicas ocorreu a partir da luta das classes dominadas pelo capitalismo e pelos donos de terras, o que levou a criação de movimentos de grande nome e importância, até hoje conhecidos. Santos (2010) retrata bem esses fatos históricos, em sua pesquisa de mestrado, utilizaremos, portanto, como base os seus estudos para problematizar esse cenário ao longo do texto. Compreender e nos aproximar desse processo histórico de consolidação das feiras agroecológicas na Paraíba se torna imprescindível para uma análise mais profunda do nosso objeto.

Para isso, é preciso considerar que segundo Martins (1982, *apud* Santos, 2010) a base dos movimentos realizados pelos agricultores paraibanos está ligada ao conceito de "terra de trabalho" e "terra de negócio", na qual "quando o capital se apropria da terra, esta se transforma em *terra de negócio*, em *terra de exploração* do trabalho alheio; quando o trabalhador se apossa da terra, ela se transforma em *terra de trabalho*" (Martins, 1982, *apud* Santos, 2010, p. 61).

Assim sendo, os agricultores na Paraíba costumavam viver sob a renda terra[10], em uma ótica pré-capitalista. Entretanto, de acordo com Oliveira (2010), com a industrialização do campo no Brasil, esses agricultores em busca de assegurar seus direitos, aderiram ao modelo de organização das Ligas Camponesas do Engenho Galiléia, que teve origem em Pernambuco e se estendeu até a Paraíba, constituindo a sua maior Liga em Sapé, o objetivo principal da luta era a garantia da terra de trabalho.

Na década de 1960 havia três movimentos principais de militância, as Ligas Camponesas, ligas da Ecovárzea associadas a do Engenho Galiléia, os camponeses do município de Sapé, sob a direção do Partido Comunista do Brasil (PCB) paraibano e a Igreja. As Ligas Camponesas caminhavam rumo a uma proposta de revolução camponesa, por sua vez o PCB partia na direção de uma coexistência pacífica com a burguesia, enquanto a Igreja Paraibana atendia aos interesses do "clero superior", que era contrário à reforma agrária e à politização do campesinato. Coexistiam então movimentos com objetivos diferentes, apesar de partirem do mesmo pressuposto, porém, após reuniões do Clero o posicionamento da Igreja tomou um rumo diferente e, em 1976, foi criada Comissão Pastoral da Terra (CPT), que alavancou o movimento camponês. A partir de então, entre 1976 e 2005, foram criados um total de 224 assentamentos na Paraíba, dos quais 123 tiveram a participação direta da CPT em seu processo de luta e 34 assentamentos foram criados tendo, ao mesmo tempo, o apoio da CPT, e de sindicatos rurais (Martins, 1981; Benevides, 1985 e Mitidiero Jr., 2008; *apud* Santos, 2010, p. 66-71).

Tendo conquistado vários assentamentos, já em meados dos anos 90, o foco era a reprodução social dos assentados, para o fortalecimento dessas comunidades e para que pudessem desfrutar das suas conquistas e direito à terra. As primeiras produções agrícolas dos agricultores assentados não tiveram muita qualidade, com isso eles iniciaram uma busca por novos meios de produzir, para que pudessem se manter de forma satisfatória e comercializar a produção, foi esse o pontapé para a introdução da agroecologia na Paraíba.

Um problema muito recorrente que estava preocupando e impedindo o crescimento da comercialização dos produtores era a ação dos atravessadores, este era o meio que eles conheciam para escoar sua produção e estavam à mercê deles, pois não conseguiam

[10] "As formas da renda da terra pré-capitalistas são três: renda da terra em trabalho, renda da terra em produto e renda da terra em dinheiro. A primeira, a renda da terra em trabalho consiste na forma mais simples de renda fundiária, pois o produtor direto com seus instrumentos de trabalho que lhe pertencem de fato ou de direito), durante parte da semana, mês ou ano, trabalha as terras de outrem, muitas vezes coercitivamente, recebendo em troca apenas o direito de lavrar parte dessas terras para si próprio. A segunda forma é a renda da terra em produto que se origina do fato de que o trabalhador cede parte de sua produção pela cessão do direito de cultivar a terra de outrem. A terceira forma é a renda da terra em dinheiro que se origina da conversão, da simples metamorfose da renda em produtos em renda em dinheiro" (Oliveira, 2007, p. 44).

comercializar de forma autônoma. Tal fato despertou nos assentados da Ecovárzea[11] a necessidade de inovar e buscar novas estratégias que os diferenciasse dos demais para tornar sua produção mais atrativa, foi então que, em 2001, eles souberam da existência da agroecologia e das feiras agroecológicas espalhadas pelo Brasil, apresentadas a eles a partir das experiências de um grupo de agricultores de Santa Maria–RS, vinculados a Rede ECOVIDA de Agroecologia, que fizeram uma visita aos mesmos e compartilharam suas experiências (Santos, 2010, p. 75-76).

Após a conquista do espaço da feira agroecológica os assentados ganharam mais autonomia, porém, ainda havia um obstáculo, que sempre foi uma barreira aos produtores rurais, o meio de transporte das mercadorias. Mitidiero Jr. (2008) citado por Santos (2010, p. 86) expressa muito bem essa situação quando afirma que "o principal problema de todas essas experiências é a inexistência de transportes próprios dos feirantes, o que faz com que eles fiquem dependentes dos transportes alugados e gastem significativas quantias com os fretes".

O mesmo caso foi observado nesta pesquisa, sendo o transporte das mercadorias uma das principais dificuldades relatadas pelos produtores, o que torna este um problema pertinente também às atuais gerações de agricultores. Porém, vale destacar que, ainda segundo Santos (2010, p. 86) com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), os agricultores da Ecovárzea conseguiram um transporte para suas mercadorias, o que comprova a importância do acompanhamento e apoio de entidades que estejam dispostas a dar a assistência necessária.

Diante de todos esses movimentos de luta por liberdade, percebe-se que as feiras surgem como um símbolo de autonomia e poder. Além disso, elas se posicionam também como um símbolo de resistência ao modelo de produção do agronegócio, que vem ganhando cada vez mais espaço nas mídias sociais, nas propostas de governo e em diversas esferas. Este espaço revela de onde vem a verdadeira produção que alimenta o país, que apesar de não ser divulgada massivamente ou valorizada como merece, sempre esteve presente em nossa realidade e em nosso cotidiano social.

Tendo como base as ideias de Santos (2010, p. 56-57), quanto ao valor das feiras, compreendemos que, tanto as feiras agroecológicas quanto o conjunto de atividades a elas associadas estão presentes na realidade do agricultor como um fator de grande relevância na construção social de mecanismos que libertem os camponeses das formas de dependência da

[11]Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana, fundada em 2005 com o objetivo de auxiliar os agricultores na obtenção de recursos financeiros e apoio técnico, além da formalização jurídica da feira (Santos, 2010, p. 84-85).

terra, em um sentido capitalista de produção. Assim, as feiras agroecológicas se destacam não apenas como espaços de comercialização, mas como verdadeiros bastidores de resistência e autonomia, trazendo consigo, mesmo que indiretamente, toda a história das lutas de um povo, onde os produtores rurais podem afirmar seu direito à terra, valorizar seu trabalho e colaborar na construção de comunidades mais justas e sustentáveis.

4 UM OLHAR PARA O FUTURO: PROPOSTA DE FORTALECIMENTO DA FEIRA PRODUTOR RURAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PB A PARTIR DA EDUCAÇÃO

As feiras, conforme já vimos, representam um importante espaço de apoio às práticas agrícolas familiares e agroecológicas, dos saberes e práticas tradicionais, assim como também da cultura e da economia local. Tendo consciência disso, vemos a urgência de dar visibilidade a importância desse espaço e da produção orgânica, muitas vezes ignorada pela sociedade, que pode perder seu espaço para grandes redes de supermercados ou para a dissolução dessas tradições com o tempo.

Dessa forma, fortalecer a Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas perante os olhares da sociedade e da gestão municipal pode garantir a perpetuação dela por muito tempo. Resgatando o gráfico 4, apresentado no capítulo um, vemos que os agricultores pontuaram na pesquisa o que poderia melhorar na feira, na ótica deles. Apesar de considerarem-na "muito boa", avaliam que a mesma necessita de uma divulgação mais eficaz para atrair mais público e alavancar as vendas.

Pensando nisso, este capítulo propõe ações que podem fortalecer este espaço dos agricultores, com base na educação. Enquanto professora em formação, minha forma de contribuição social com os produtores da feira é sugerir a integração da temática da produção orgânica familiar e das feiras agroecológicas no currículo escolar da cidade. Trabalhar esse tema nas aulas contribui com a divulgação da feira em diferentes esferas da sociedade, visto que a escola é um importante espaço de compartilhamento de saberes.

A escola enriquece os alunos com os mais variados tipos de conhecimento, seja científico, social ou cultural. Percebe-se nisso o reflexo das pedagogias sociocríticas, que, segundo Libâneo *et al.* (2012, p. 245), propõe associar o ensino-aprendizagem com a realidade e as desigualdades econômicas e sociais, alimentando o conhecimento intelectual dos alunos e sua inserção crítica e participativa na sociedade. Com o mesmo propósito, a geografia escolar busca a construção do conhecimento geográfico que desperte esta criticidade e participação social ativa, para isso, são incorporados nas aulas conhecimentos acerca da realidade que os cerca.

Sabendo disso, abordar a Feira do Produtor Rural como temática das aulas de geografia é uma forma de despertar esse tipo de conhecimento nos alunos, visto que:

> [...] a articulação da escola com o mundo do trabalho torna-se a possibilidade de

> realização da cidadania, pela incorporação de conhecimentos, de habilidades técnicas, de novas formas de solidariedade social, de vinculação entre trabalho pedagógico e lutas sociais pela democratização do Estado (Libâneo *et al*., 2012, p. 133).

Com isso, temos como proposta principal introduzir a produção agroecológica e a comercialização na feira de São José de Piranhas - PB como tema nas aulas de geografia. Abordar essa temática influencia diretamente na divulgação da feira, permitindo que ela alcance novos horizontes, uma vez que, ao discutir isso em sala de aula, os alunos terão conhecimento sobre a mesma e a produção saudável que nela é comercializada. Dos alunos, certamente essa informação será passada para os pais, deles para os vizinhos e conhecidos e assim pode atingir cada vez mais um contingente maior de pessoas.

Dessa forma, será possível enriquecer o currículo escolar com a cultura local, ampliar o conhecimento dos alunos acerca da realidade que os rodeia através da aula expositiva e de uma aula de campo com visita à feira, e, divulgar ainda mais esse espaço tão importante para os agricultores e também para a comunidade em geral.

Os conteúdos da geografia escolar abordam geralmente as feiras com pouca ou nenhuma frequência, tendo como base uma análise das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pouca menção desse tipo de conteúdo na BNCC não significa que ele não seja aplicado em aula, uma vez que os professores têm liberdade para abordar diversos temas pertinentes, porém, geralmente busca-se tê-la como referência.

Contudo, isso não impede que sejam somados ao currículo novos conteúdos, visto que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 1º, garante que a educação deve ser pautada em relações sociais e culturais que acrescentem na vida do aluno. Na lei consta que "a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais" (Brasil, 1996). Dessa forma, ao abordar nas aulas de geografia algo tão relevante para a sociedade em aspectos sociais, econômicos e da convivência humana, cumprem-se os direitos estabelecidos pela LDB.

Buscando inserir no currículo escolar da cidade de São José de Piranhas os conteúdos relativos à produção agroecológica e a Feira do Produtor Rural da cidade, seguindo as bases estabelecidas pela LDB, foi desenvolvido uma proposta de aula (quadros 3 e 4). A aula busca mostrar aos alunos a importância desse tipo de produção e da existência de um espaço para sua comercialização. Além da aula teórica, propõe-se também uma visita guiada à feira, que

pode ser aplicada posteriormente à discussão da aula, a realizar-se no dia da feira, que ocorre às quintas.

Quadro 3 - Plano de aula sobre a Feira do Produtor Rural

Temática e conteúdo programático:

A aula terá como foco despertar nos alunos o senso crítico acerca da importância do acesso aos alimentos de qualidade através da feira do produtor rural da cidade. Para isso, no primeiro momento serão abordados os princípios da agroecologia, e sua área de atuação, como também a importância da produção agrícola mais sustentável, que ocorre a partir dela. Além disso, será ainda destacado a importância da alimentação saudável e como ela deveria ser um direito de todos.

Em um segundo momento, será abordada a relevância das feiras agroecológicas, a importância desse espaço de comercialização, que valoriza a prática agroecológica familiar e contribui para a valorização cultural e econômica, e, consequentemente, gerar mais visibilidade para esse evento.

Posteriormente, em outra aula, os alunos serão levados para conhecer a feira e ver na prática o que foi abordado em sala, visto que esta é uma das melhores formas de relacionar o conteúdo com a realidade vivida. Para se aproximar ainda mais dessa realidade, os alunos serão orientados a desenvolver pequenas entrevistas para aplicarem no dia da visita.

Objetivo geral:

- Compreender o valor da feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB e da produção agroecológica familiar

Objetivos específicos:

- Apresentar o que é a agroecologia;
- Indicar a importância da agricultura mais sustentável;
- Destacar a importância das feiras;
- Fortalecer a relevância dessa prática no contexto cultural.

Metodologia:

- Aula expositiva e dialogada com apresentação do tema, leitura de textos e contextualização do tema;
- Discussão e levantamento de questões pertinentes que fomentem a construção do conhecimento;
- Produção das entrevistas e avaliação das perguntas elaboradas pelos alunos.

Recursos didáticos: ● Textos, pincel, quadro, papel e caneta.
Avaliação: A avaliação será contínua, considerando a participação dos alunos durante a aula, envolvimento com o conteúdo e respostas às questões abordadas durante a aula.

Fonte: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira, 2024.

Após a aula apresentando as dinâmicas da produção agroecológica, a importância da feira para os agricultores e para a população e os benefícios de uma alimentação mais saudável, é sugerido ainda, para os professores, a realização de uma visita guiada ao objeto do estudo com os alunos. Com a visita, os alunos podem ver na prática o que foi estudado, fazer suas interpretações da realidade para assim despertar o senso crítico e pesquisador. Essa visita busca propor momentos de interação entre os alunos e agricultores, investigação do objeto de estudo e instigar a autonomia do pensamento e análise. O quadro abaixo exemplifica como isso pode ocorrer.

Quadro 4 - Roteiro da visita guiada

Temática e conteúdo programático: Considerando o conteúdo abordado anteriormente relativo à feira e a produção agroecológica, a visita guiada proporcionará uma imersão na realidade social discutida em sala. Após as orientações do que deve ser feito, alunos serão direcionados a feira com o acompanhamento do professor(a) responsável. Lá poderão observar as relações sociais entre produtores e consumidores, aplicar as entrevistas e conhecer a realidade dos agricultores. Após esse momento dinâmico de aprendizado, todos se reunirão para retornar a escola e compartilhar o que acharam mais interessante.
Objetivos: ● Fomentar nos alunos o senso crítico acerca das relações sociais do dia a dia; ● Despertar a curiosidade pelo campo das pesquisas; ● Aumentar a visibilidade da feira.

Metodologia:

Visita guiada à feira com o acompanhamento do professor e um roteiro explicado em sala do que deve ser feito no local.

Recursos didáticos:

Entrevista em escrito, câmera fotográfica, papel, caneta e mochila com material básico para a saída a campo, como água.

Avaliação:

Atividades desenvolvidas na feira:

- Observação: os alunos devem observar a variedade de produtos, as práticas de cultivo e as interações entre agricultores e consumidores;
- Entrevistas: serão realizadas as entrevistas com os produtores sobre suas práticas agroecológicas e os desafios que enfrentam;
- Obtenção de material: os alunos devem fotografar e tomar nota dos pontos considerados importantes para a construção de uma apresentação.

Atividades desenvolvidas na escola:

- Apresentação de trabalhos: os alunos devem preparar uma apresentação ou um painel sobre a feira, abordando segundo sua ótica os pontos fortes, o que poderia melhorar e por que consideram ela importante.

Fonte: NOGUEIRA, Maria Emília Ferreira, 2024.

Como a aula é voltada para as escolas da cidade de São José de Piranhas - PB, não se vê a necessidade de um meio de transporte para que os alunos e o professor se desloquem até a feira, visto que as escolas são próximas da mesma e o percurso pode tranquilamente ser feito a pé. Caso seja aplicada em outro local, é preciso verificar se há a necessidade da obtenção de um meio de transporte.

Apesar da importância das aulas teóricas para a construção do saber geográfico, sabemos que frequentemente são consideradas enfadonhas pelos alunos, porém, os saberes geográficos abarcam a realidade como um todo e tem a capacidade (e o dever) de fazer a junção dos conteúdos com o cotidiano dos estudantes, tornando-se muito mais relevante. Assim, revela-se a eficiência dos estudos de campo, uma importante ponte entre conteúdo e cotidiano, capaz de elevar a aprendizagem e torná-la muito mais significativa para os alunos, como bem explicam Oliveira e Assis (2009) *apud* Neto e Barbosa (2010, p. 176):

> Compreendemos que a aula em Campo atrelada ao ensino de Geografia possa vir a contribuir intimamente na seleção de conteúdos a serem trabalhados em sala, propiciando esses conteúdos uma serventia para a vida dos estudantes no que diz respeito a suas práticas sociais, a sua problematização de natureza e sociedade e seus ininterruptos movimentos na produção das espacialidades do mundo. Construir práticas para a vida é talvez seu maior objetivo, práticas que não devem nunca se assumir enquanto um mero caráter de utilitarismo imediato-passageiro e muito menos fugir da possibilidade de construções uteis utopias por cada um para as necessidades humanas totais. Devemos construir um estudante que compreenda a (re)produção do espaço, para que assim ele possa manifestar sua apropriação.

Dessa forma, ao inserir esse conteúdo no currículo escolar, é possível fomentar nos alunos a criticidade de analisar a realidade em que estão inseridos e enxergar o valor das práticas sociais e culturais locais. Abordar um tema que tem relação direta com a realidade dos alunos é de suma importância para a construção do ser social, pois "o contato do aluno com o corpo teórico da geografia junto ao estudo de sua realidade poderá fornecer-lhe conhecimentos que servirão para desvendar as contradições e as relações estabelecidas dentro do seu espaço" (Franco, 2014, p. 3). Assim, estamos contribuindo para a formação de seres críticos, capazes de analisar a realidade, lutar pelos seus direitos e valorização da cultura.

Destaca-se também a relevância de tratar esse tema nas escolas do campo, visto que os alunos estão inseridos nessa realidade. Com isso, poderão compreender o verdadeiro valor da produção orgânica familiar e entender a importância do trabalho realizado pelos seus pais, parentes e vizinhos. Tudo isso contribui para que a escola propague a integridade e o valor desse modelo de produção e da feira como manifestação popular, tendo em vista que este costume corre o risco de ser esquecido pelas próximas gerações, dado o afastamento dos jovens dessas práticas tradicionais. Ainda, fortalece a cultura local e desperta nos alunos um olhar mais crítico quanto às estruturas sociais e os tipos de produção.

Convém também, deixar aqui, a proposta de promover uma palestra nas escolas, para tratar da importância da alimentação saudável e da produção orgânica. Como a agenda das escolas não tem muito espaço disponível, é mais propício que esta palestra ocorra em datas pertinentes ao tema, a escola ou comemorações da cultura local, como, por exemplo, no Dia Internacional da Agricultura Familiar (25 de julho), Dia Mundial da Alimentação (16 de outubro), ou nas datas comemorativas da cidade como a semana do aniversário municipal (24 de setembro). Esta palestra ocorreria em conjunto, mobilizando os produtores da feira também nutricionistas, para enriquecer a discussão sobre a importância da alimentação e da produção saudável como também da feira.

Em suma, a inserção do tema da produção agroecológica e da Feira do Produtor Rural

de São José de Piranhas no currículo escolar representa uma estratégia eficaz para conectar a educação com a realidade local, tão importante para a construção do conhecimento geográfico. Essa abordagem fortalece tanto a feira quanto a consciência crítica dos alunos sobre sustentabilidade, alimentação saudável e preservação de tradições, pois, ao vivenciar essa realidade por meio de visitas e atividades práticas, os estudantes desenvolvem um senso de pertencimento e reconhecimento da importância de apoiar a agricultura familiar local. Assim, além de promover o fortalecimento da feira, essa proposta contribui para a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento sustentável e com a valorização de sua cultura local.

Quanto aos agricultores, estes se beneficiam diretamente com a proposta, pois são protagonistas da visita e da aula prática. Ao compartilhar seus conhecimentos sobre a produção orgânica, terão a oportunidade de demonstrar a importância de suas práticas para os alunos. Esse contato direto entre eles não apenas enriquece a compreensão dos estudantes, mas também amplia a visibilidade da feira e da agricultura familiar agroecológica. Ao trazer essa realidade para a escola, os alunos se tornam multiplicadores de conhecimento, podendo levar a discussão sobre a importância da produção orgânica e da feira para suas famílias e círculos sociais, promovendo, assim, a divulgação, a valorização e o fortalecimento dessa prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a dinâmica da produção orgânica e da comercialização desses insumos na Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas–PB, visando contribuir socialmente com a manutenção da feira e a continuidade deste projeto tão relevante. Para isso, foi utilizado como base principal as informações coletadas na pesquisa de campo junto aos agricultores, levando em consideração o que eles pontuaram como dificuldades, benefícios, transformações, aprendizado e as mudanças que a feira os proporcionou, para a partir disto construir uma discussão acerca das dinâmicas que envolvem a produção e a comercialização de orgânicos nas feiras agroecológicas.

Para tal análise, esta pesquisa visou identificar: as adversidades encontradas no cultivo e comercialização, as quais foram identificadas como principais a falta de divulgação da feira e de apoio a produção; buscou também elucidar como funciona a produção orgânica e quais os melhores meios para esta, verificando para isso a eficiência dos agroecossistemas; buscou-se ainda compreender a atuação da feira como apoio às práticas agroecológicas, tendo como resultado a atuação como ponto de escoamento da produção e símbolo das lutas camponesas; e, por fim, propor formas de aumentar a visibilidade da feira, tendo como resultado a proposta de inserir discussões sobre produção agroecológica e a Feira do Produtor Rural nas escolas do município.

Refletindo sobre tudo o que foi apresentado, foi possível perceber como a Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas é um espaço muito rico. Sua riqueza está presente nos produtos orgânicos que geram renda para quem os produz e mais saúde para quem os compra, está nas relações sociais que encontramos na feira, está em proporcionar para os consumidores a oportunidade de se alimentar melhor, e, em ser um meio para aumentar a valorização da produção familiar e propagar esse modo de produção agrícola.

Analisando o discutido ao longo do trabalho, fica evidente que a feira oferece inúmeros benefícios, tanto para os agricultores quanto para a população, além de ser uma ótima iniciativa por parte da prefeitura municipal da cidade. Porém, é necessário que a gestão esteja sempre disponível para ajudar e impulsionar este importante espaço de comercialização. Desde as primeiras feiras agroecológicas registradas na região os agricultores sempre buscaram por mais incentivos e tiveram que lutar para se manter nesse meio e elevar a produção, obtendo sucesso nessa empreitada. Contudo, para isso, carecem do apoio de entidades que facilitem esse processo e lutem ao lado deles, dando suporte para que estes possam também fortalecer a economia, cultura e as relações sociais locais,

configurando-se como uma relação mútua de apoio e trocas.

Além do suporte, é necessário também mencionar a importância de que as feiras sejam frequentadas, para serem mais valorizadas e a concorrência dos mercados não as elimine. Assim, é fundamental que a gestão municipal saiba cumprir o seu papel na fiscalização e divulgação desses eventos, uma vez que a feira tem tanto a oferecer a população e aos agricultores que nela comercializam seus produtos.

Como principais benefícios da feira, é importante destacar a oferta de alimentos livres de produtos químicos, assegurando o direito da alimentação mais saudável, as mudanças econômicas e sociais identificadas na vida dos produtores, como renda extra e mais autonomia, a preservação dos costumes e técnicas de plantio orgânico e ancestrais, muito praticado na região e a propagação de tradições culturais.

Ademais, com os resultados obtidos na pesquisa, considera-se que, para a aprimoração da feira se faz necessário que ela seja mais divulgada, para que mais pessoas tenham conhecimento desta e garantam sua continuidade. O presente trabalho sugere como contribuição para esta problemática a inserção de conteúdos geográficos que tratam sobre esse tema nas escolas do município, para que assim se perpetue tanto a prática agrícola orgânica quanto a importância da feira.

Também se mostrou importante a promoção de cursos ou demais meios de incentivo à produção orgânica, para que os agricultores possam estudar e conhecer formas mais eficientes de produzir, como por exemplo os agroecossistemas, assegurando ainda mais a produção e a comercialização destes agricultores.

Destaca-se que, algumas limitações, como a mudança de cidade, impossibilitaram que a pesquisa fosse realizada de acordo com o planejamento inicial, que consistia na realização das aulas propostas. Dessa forma, para as pesquisas futuras nessa área, sugere-se que essa proposta de aula teórica e a visita à feira seja levada para as escolas do município, pois integrar conteúdos que abordem a produção orgânica e a feira funcionam como um meio de propaga-la ainda mais na sociedade e fazer com que alcance novos públicos, além de promover entre os alunos a valorização deste meio de produção tão importante e contribuir na construção do senso crítico dos alunos.

Além disso, caso não seja possível aplicar estas aulas, sugere-se a realização de palestras em conjunto com os produtores da feira, permitindo que os agricultores compartilhem seu conhecimento e mostrem o valor do trabalho que realizam, enriquecendo ainda mais a discussão sobre a importância da produção de orgânicos.

Seria interessante, ainda, conhecer na prática o cultivo de cada agricultor,

compreendendo a fundo a dinâmica da produção orgânica. Com esse conhecimento, seria possível propor ações mais assertivas, a partir do apoio de especialistas que possam contribuir para o aprimoramento das práticas já existentes. Dessa forma, o fortalecimento da Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas como espaço de comercialização e de preservação cultural pode se consolidar cada vez mais.

Em conclusão, mesmo diante das limitações impostas, com a concretização desta pesquisa foi possível concluir que a mesma cumpriu com os seus objetivos, seja de análise ou de contribuições sociais. Mesmo assim, é necessário que as pesquisas sobre feiras e produção orgânica não se limitem e cresçam cada vez mais, alcançando novos horizontes, para que possam propagar pelas sociedades esse modo de produção que tanto tem para oferecer, seja para o homem ou para a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Flávio Henrique Tavares de. **IMPACTOS AMBIENTAIS NA BACIA DE DRENAGEM DO AÇUDE SÃO JOSÉ I, MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB.** 2012. 55 f. TCC (Doutorado) - Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014.

ALTIERI, Miguel *et al*. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 27 de set. 2024.

CAMPIGOTTO, Luciana Marisa Andreola. **A Agricultura familiar Presente na Feira, como Estudo do Meio**. Nova Cantú, PR: Unespar / Fecilcam, 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília: 2009b. 30 p.

CAPORAL, Francisco Roberto. **EXTENSÃO RURAL E AGROECOLOGIA: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível**. Brasília: Isbn, 2009a. 403 p.

COSTABEBER, José Antônio. **Transição agroecológica: do produtivismo à ecologização.** EN: FR Caporal, 2004.

CRIATIVA, Paraíba. **São José de Piranhas**. 2015. Disponível em: https://paraibacriativa.com.br/artista/sao-jose-de-piranhas/. Acesso em: 19 mar. 2024.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, p. 87-101, 2008.

EMBRAPA. **Construção social de mercados: planejamento e instalação de feira da agricultura familiar**. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnologicas/-/produto-servico/3207/construcao-social-de-mercados-planejamento-e-instalacao-de-feira-da-agricultura-familiar. Acesso em: 20 mar. 2024.

EMPAER. **Agricultores do Sertão trocam experiência com participantes da Feira do Produtor da Empaer**. 2021. Disponível em: https://empaer.pb.gov.br/noticias/agricultores-do-sertao-trocam-experiencia-com-participantes-da-feira-do-produtor-da-empaer-1. Acesso em: 21 mar. 2024.

EMPAER. **Feira do Produtor**. 2019. Disponível em: https://empaer.pb.gov.br/feira-do-produtor. Acesso em: 20 mar. 2024.

FENATA. **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo**. 2019. Disponível em: https://www.fenata.com.br/site/index.php/noticias-gerais/596-agricultura-familiar-do-brasil-e-8-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo. Acesso em: 05 ago. 2024.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **ESPACIALIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DA LUTA PELA TERRA: A FORMAÇÃO DO MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DE SÃO PAULO.** 1994. 208 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

FRANCO, Thiago Guimarães. O ensino de geografia vinculado à realidade local vivenciada pelos alunos. In: **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos.(np). Vitória, ES**. 2014.

GASQUES, José Garcia *et al*. Desempenho e crescimento do agronegócio no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, p. 43, 2004.

GASTAL, Marcelo Leite *et al.* Construção social de mercados pela agricultura familiar em Unaí, MG: potencialidades e limitações. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, n. 2, p. 315-348, 2014.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sergio Pereira. Sociedade e economia do" agronegócio" no Brasil. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 25, p. 159-176, 2010.

IBGE. **São José de Piranhas**. 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-jose-de-piranhas/panorama. Acesso em: 19 mar. 2024.
INFORMAL, Dicionário. **Atravessador**. 2009. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/atravessador/. Acesso em: 17 jul. 2024.

LACERDA, Alice Alves Rocha *et al.* Conhecimento empírico versus ciência: obstáculos a um bom prognóstico. **Global Academic Nursing Journal**, v. 3, n. Spe. 2, p. e275-e275, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos *et al*. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

LIMA, Antônia Francisca *et al*. **Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura**. Revista Retratos de Assentamentos: Seer, 2019.

LOVATTO, Patrícia *et al.* Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 2, p. 191-212, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo , Sp: Atlas, 2003.

NETO, Francisco Otávio Landim; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 1, n. 2, p. 160-179, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: Fflch, 2007. 184 p.

OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. **Terra, Trabalho e Escola: a luta do MST por uma educação do/no campo na Paraíba**. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraí-ba, João Pessoa, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A reinvenção dos territórios na América Latina /Abya Yala** . [s.l.]:Universidad Nacional Autónoma de México, 2012.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação**. Rio de Janeiro: Prisma, 2021.

SANTOS, Thiago Araújo. **Agroecologia como prática social: feiras agroecológicas e insubordinação camponesa na Paraíba**. 2010. 247 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOGLIO, Fábio dal; KUBO, Rumi Regina. **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade.** Porto Alegre: Ufrgs, 2016.

SOUSA, Angélica Silva de et al. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** [S.L.]: Cadernos da Fucamp, 2021. 20 v.

VALVERDE, Orlando. **Estudos de geografia agrária brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1985.

APÊNDICE A

Modelo de entrevista realizada na Feira do Produtor Rural de São José de Piranhas - PB

1- Você reside no município de São José de Piranhas? Se não, onde?

2- Como ocorreu o processo para participar da feira? Você foi convidado por alguém ou fez algum tipo de inscrição?

3- Você recebeu ou ainda recebe algum tipo de treinamento/aula para produzir orgânicos?

4- Você ainda recebe algum tipo de apoio, treinamento ou assistência para a produção?

5- Há quanto tempo você vende seus produtos na feira?

6- Você já produzia orgânicos antes de participar da feira?

7- O que você produz para vender na feira?

8- Quais as principais dificuldades de produzir de forma orgânica?

9- A terra do plantio é própria ou arrendada?

10- Você mesmo trabalha na produção ou arrenda para terceiros?

11- A sua família também participa da produção ou comercialização?

12- Você compra outros produtos para vender ou vende apenas o que produz?

13- Como fica a produção no período de estiagem?

14- A barraca da feira foi cedida pela prefeitura ou você teve que comprar?

15- Sua renda vem apenas da comercialização na feira ou você realiza outra atividade rentável?

16- Como você classifica a mudança financeira que a feira proporcionou na sua vida: significativa, regular ou pequena?

17- Como você classifica a feira: ótima, boa, regular ou ruim?

18- O que você gostaria que mudasse/melhorasse na feira?